Companhia das Letrinhas

O Rei Artur

E os cavaleiros da Távola Redonda

Rosalind Kerven

Ilustrações de
Tudor Humphries

O Rei Artur

Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
FNLIJ
ALTAMENTE RECOMENDÁVEL

Copyright © 1998 by Dorling Kindersley Limited, Londres

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
King Arthur
publicado originalmente na Grã-Bretanha
por Dorling Kindersley Limited

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Página Viva; Luciane H. Gomide

Composição e atualização ortográfica:
Página Viva

Impressão e acabamento:
Geográfica

Para Jennifer, com muito amor – RK Para Theo – TH

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kerven, Rosalind

O Rei Artur e os cavaleiros da Távola Redonda / Rosalind Kerven ; ilustrações de Tudor Humphries ; tradução de Hildegard Feist. – São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2000.

Título original: King Arthur.
ISBN 978-85-7406-578-6

1. Literatura infantojuvenil I. Humphries, Tudor. II. Título.

0-3332 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil: 028.5
2. Literatura infantojuvenil: 028.5

16ª reimpressão

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
☎ (11) 3707-3500
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdaletrinhas.com.br
/companhiadasletrinhas
@companhiadasletrinhas
/CanalLetrinhaZ

PARA MENTES CURIOSAS
www.dk.com

FSC
www.fsc.org
MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C018498

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

O Rei Artur

Rosalind Kerven

Ilustrações de
Tudor Humphries

Tradução de
Hildegard Feist

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 6

Capítulo 1
A ESPADA NA PEDRA 8

MAGIA E MISTÉRIO 16

Capítulo 2
EXCALIBUR 18

Capítulo 3
OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA 22

NOBRES CAVALEIROS 26

Rei Artur

Guinevere

Merlim

Nimue,
a Senhora do Lago

Fada Morgana

Capítulo 4
FEITIÇOS 28

Capítulo 5
O SANTO GRAAL 36

Capítulo 6
O FIM DA TÁVOLA REDONDA 44

Capítulo 7
A ÚLTIMA BATALHA 54

Capítulo 8
REI ONTEM, REI AMANHÃ 56

À *PROCURA DE ARTUR* 60

A *LENDA DE ARTUR* 62

Sir Lancelote

Nascien

Sir Galahad

Sir Bors

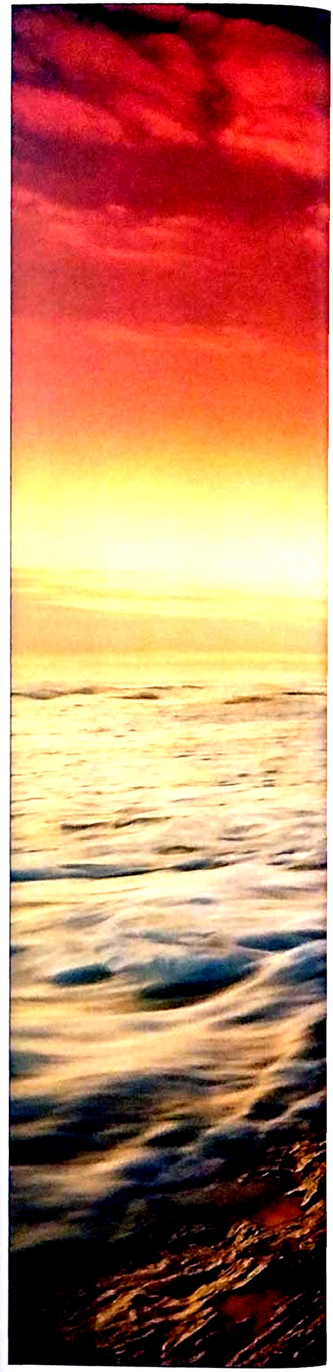
Sir Mordred

APRESENTAÇÃO

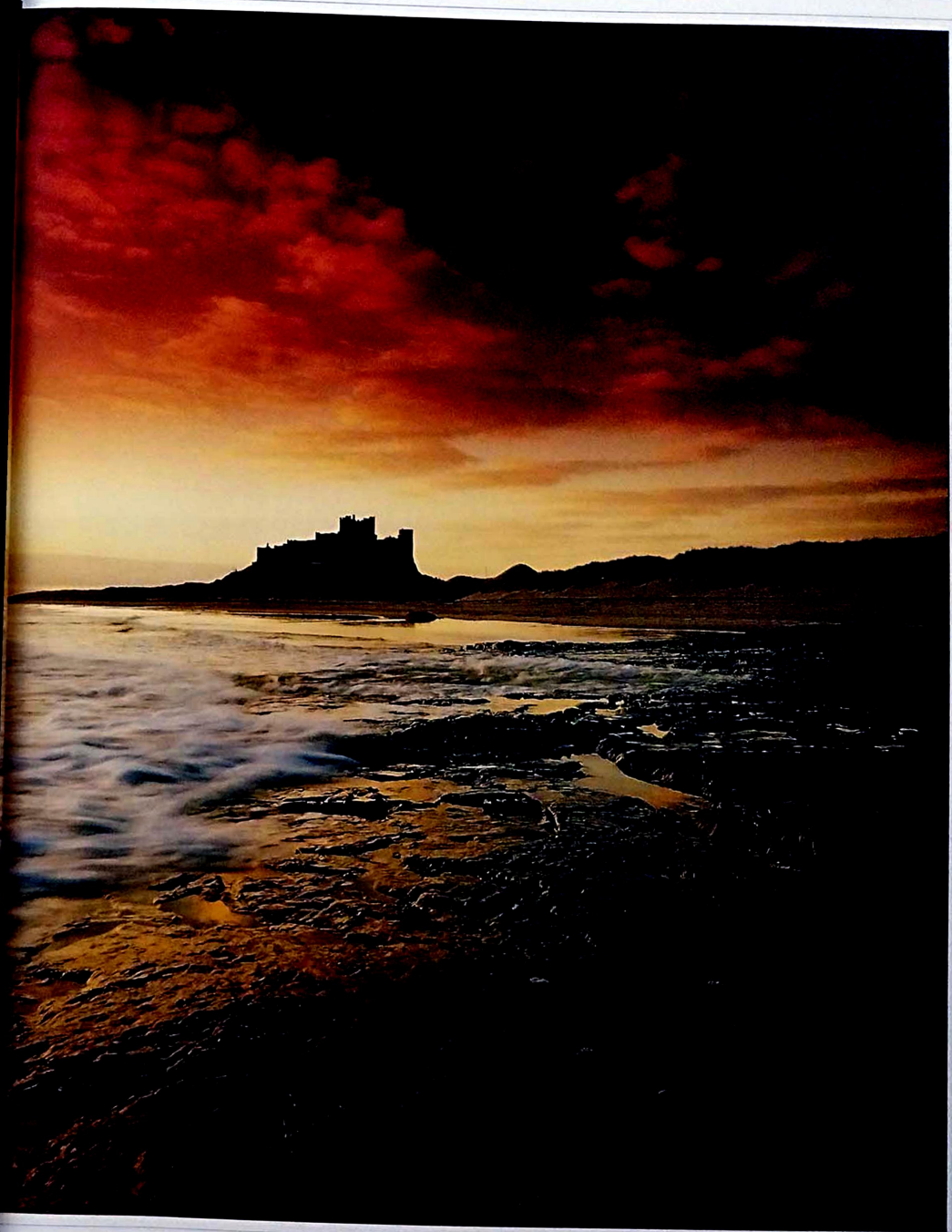
A história de Artur, o heroico soberano que criou o reino mais glorioso da Europa, originou-se na anarquia que tomou conta da Inglaterra depois que os romanos partiram, no início do século V d.C. Os romanos haviam estabelecido a ordem no país que chamavam de Britannia, ou seja, Bretanha; fundaram cidades, construíram boas estradas, difundiram a fé cristã. Quando foram embora, tudo isso começou a decair. Os celtas, primitivos habitantes da Inglaterra, dividiram-se em reinos rivais e, além de lutar entre si, tiveram de enfrentar hordas de invasores. Desse caos, talvez expressando o desejo de um mundo melhor, surgiu a legendária figura de Artur.

Os bardos celtas cantaram suas maravilhosas proezas, que durante séculos foram transmitidas oralmente, até serem escritas na Idade Média. Desde então a história de Artur tem crescido, como um grande rio engrossado por muitos afluentes.

Com fotos e ilustrações coloridas, que dão vida ao contexto histórico, esta edição nos traz a autêntica atmosfera de magia e mistério que envolve a velha lenda celta. Transporta-nos para o castelo de Camelot, para a época dourada do rei Artur, da rainha Guinevere, de sir Lancelote e dos cavaleiros da Távola Redonda. E nos torna testemunhas de prodígios e batalhas, de intrigas e conspirações, de palavras corajosas e atos de extraordinária bravura.



O castelo de Bamburgh, em Northumberland, residência legendária de sir Lancelote.



Velhos bosques
A história do rei Artur se inicia no final do século V, numa época em que a maior parte da Inglaterra se resumia a bosques, pântanos e charnecas, onde homens armados vagavam sem rei nem lei.

O último druida?
A figura do onisciente Merlim possivelmente foi inspirada nos druidas, antigos sacerdotes celtas que exerceram imenso poder na Inglaterra até o século I d.C., quando os invasores romanos os aniquilaram.

Capítulo 1

A ESPADA NA PEDRA

O VELHO REI HAVIA MORRIDO. O trono estava vazio, ninguém reclamara a coroa, e o medo tomara conta da população, como se uma imensa nuvem negra pairasse sobre todas as cabeças. Sem rei não existiam leis. Sem leis, invasores impiedosos e chefes locais não demoraram a devastar o país. Bandos violentos atacavam as aldeias, roubavam animais, arrombavam portas, raptavam crianças. Sem um soberano justo e forte não havia esperança, apenas a certeza de mais escuridão e mais medo.

Dessa escuridão, trilhando os caminhos secretos da Grande Floresta, surgiu uma estranha figura. Um mágico chamado Merlim.

Velho como as raízes dos carvalhos, capaz de prender o vento nas mãos e transformá-lo em poemas, Merlim tinha o dom de ler o futuro com seus olhos negros e de mudá-lo com seus encantamentos. Agora caminhava para o futuro que estava vendo, uma época de luz, de ouro e de glória – da glória de um novo e grande rei. Sabia o nome desse rei e sabia também onde ele estava escondido, pois o vira nascer e imediatamente o levara para longe do mal e do perigo. Agora chegara sua hora.

Merlim saiu da floresta. Uma longa barba branca cobria-lhe o peito. Um manto cinzento envolvia seu corpo alto e magro, curvado sob a forte chuva que caía. Murmurando palavras em línguas estranhas, ele tomou a estrada que conduzia a Londres.

Merlim tomou a estrada que conduzia a Londres.

Quando avistou os muros da cidade, Merlim se deparou com uma multidão de homens rudes e robustos que brandiam lanças e espadas. Eram chefes guerreiros que se apinhavam na estrada dispostos a lutar até a morte pela coroa da Inglaterra. Haviam combinado que quem matasse o maior número de rivais se tornaria o rei.

Anoitecia. O velho mágico se esgueirou por entre os guerreiros como uma sombra, abriu as portas da cidade pronunciando uma de suas fórmulas secretas e dali a alguns instantes percorria as ruas sinuosas de Londres.

No trajeto não encontrou uma alma viva. Todas as portas estavam trancadas. Nenhum cachorro latia; nenhuma criança chorava. Só o pio de uma coruja quebrava o silêncio carregado de medo. Merlim apressou o passo. Indo até a Grande Igreja, sentou-se no adro e esperou.

Foi uma noite inquietante, sem lua nem estrelas. Quando enfim amanheceu, um cortejo de monges, conduzido por um bispo, entrou no adro e se encaminhou para a igreja, onde faria suas orações matinais. Merlim se levantou e, depois de cumprimentá-los com uma reverência, apontou para o lado oposto.

"Meus irmãos!", exclamou. "Olhem lá!"

Todos se voltaram. Algo estranho e maravilhoso havia surgido no relvado defronte à igreja. Um imenso bloco de mármore sustentava uma bigorna de ferro, e uma linda espada, pesada e reluzente, traspassava o bloco e a bigorna. O mármore trazia uma inscrição em letras de ouro:

ONDE ESTÁ O HOMEM
CAPAZ DE TIRAR A ESPADA DA PEDRA?
ELE É O LEGÍTIMO REI DA INGLATERRA

Enquanto os monges olhavam, perplexos, sem entender o sentido daquelas palavras, Merlim falou tranquilamente: "Calma, irmãos. Por favor, mandem os guardas abrirem as portas. Deixem os chefes guerreiros entrar e mostrem-lhes a pedra. Digam-lhes que a batalha terminou antes mesmo de começar. O novo rei há de reclamar sua espada!".

Uma coisa estranha e maravilhosa havia surgido no relvado defronte à igreja.

O punho era revestido de madeira, osso ou couro.

Convite ao poder

Na época do rei Artur as espadas eram armas valiosas, feitas de ferro, com o punho decorado. Neste episódio a espada simboliza a força viril e, por estar cravada na bigorna, equivale a um convite para assumir o poder.

A lâmina era longa e larga, com dois gumes.

Cruz celta

Ruínas

A Grande Igreja de Londres, destruída por ladrões, erguia-se onde hoje se situa a abadia de Westminster.

A bigorna

Para dar ao metal a forma desejada, o ferreiro o aquece e depois o martela sobre um bloco de ferro chamado bigorna.

O castelo de Tintagel
Segundo uma tradição, Artur nasceu em Tintagel, no condado da Cornualha. Seu pai, o rei Uther Pendragon, amava Igraine, mulher de Gorlois, o duque de Tintagel. Para que Uther pudesse unir-se a sua amada, Merlim o transformou num sósia perfeito de Gorlois. Artur foi fruto dessa união.

A criação de Artur
Merlim previu um futuro glorioso para Artur, mas temia que sua previsão não se cumprisse se o menino crescesse em Tintagel. Assim, levou-o para longe e o confiou a um cavaleiro chamado Ector, que o criou, juntamente com seu filho Kay, para ser um guerreiro culto e nobre.

As portas da cidade se escancararam ao Norte, ao Sul, ao Leste e ao Oeste. Os comandantes rivais e suas tropas marcharam ruidosamente para a Grande Igreja. Ali viram o bloco de mármore, a bigorna e a espada; leram a inscrição em letras de ouro, e depararam-se com o velho mágico, que os esperava. Sentindo o poder desse local, um poder muito maior que sua força bruta, emudeceram imediatamente, ficando imóveis como estátuas.

"Meus amigos", Merlim falou, "cada um de vocês tentará arrancar a espada da pedra. Primeiro, os chefes. Se nenhum conseguir, será a vez dos soldados. Todos terão a oportunidade de tentar, até mesmo os mais jovens e os mais humildes. Peço-lhes que tenham paciência! Pois Deus sabe que apenas um homem foi destinado a tirar essa espada dali, e, antes que o dia de hoje termine, vocês saberão quem é ele."

Assim teve início a prova. Um após outro, os comandantes mais truculentos agarraram a espada, retesaram os músculos, esforçaram-se ao máximo, porém a lâmina resplandecente nem sequer se mexeu. Os outros chefes que se seguiram não tiveram mais sorte que eles. Todos se afastaram, praguejando. Então os soldados se amontoaram em torno da pedra, e durante o dia inteiro cada qual fez sua tentativa, sem sucesso.

Quando o sol começou a se pôr, um jovem alto e forte deu um passo à frente. Naturalmente elegante no andar e na postura, aproximou-se do bloco de mármore sem se gabar, como alguns, e também sem hesitar, como outros. Com uma das mãos pegou o punho da espada e puxou-a sem o menor esforço, desprendendo-a da pedra. Um murmúrio de indignação percorreu a multidão.

"Vocês viram! Ele é o homem!", Merlim gritou para os comandantes e seus soldados, dirigindo-se em seguida ao jovem: "Como se chama, senhor?".

"Artur."

"Artur!", o velho mágico exclamou. "Conheço este Artur." Sua voz tinha algo de sobrenatural na atmosfera carregada de tensão. "Ele não é um rapaz comum, mas o filho querido de nosso velho rei Uther Pendragon. Concebido em meio às brumas, nasceu durante uma tempestade e foi levado para um lugar longínquo, onde cresceu em segredo. Agora chegou sua hora. Acreditem nele! Pois eu juro por todo o ouro da Inglaterra que este Artur haverá de levá-los a tamanha glória..."

O jovem pegou o punho da espada e puxou-a sem o menor esforço, desprendendo-a da pedra.

Uma gritaria repentina abafou suas palavras.

Frustrados, furiosos com o próprio fracasso, os guerreiros avançaram brandindo suas armas. O desejo de matar o ancião e o jovem os impelia irresistivelmente.

Artur ergueu a espada. A lâmina faiscou à luz do crepúsculo.

Artur ergueu a espada bem acima da cabeça. A lâmina faiscou à luz do crepúsculo. O primeiro guerreiro se posicionou para o combate. Rápido, hábil, o jovem se esquivou a todos os golpes do adversário e logo lhe acertou uma estocada que o fez estatelar-se no chão, implorando piedade. Outro guerreiro se apresentou, sem lhe dar trégua, seguido por outro e mais outro. Agora Artur lutava contra vários ao mesmo tempo, mas parecia protegido por uma armadura invisível e, sem sofrer sequer um arranhão, facilmente rechaçou todos os que tentaram derrubá-lo. Logo seus opositores desistiram da luta; a fúria deu lugar ao espanto.

Artur fincou a espada na relva e, apoiando as mãos sobre ela, gritou: "Escutem! Vocês acabaram de ver que eu poderia ter matado todos os que me atacaram, mas resolvi deixá-los vivos. E vou explicar por quê. Acho que é perda de tempo e de energia... é uma loucura, na verdade... lutarmos entre nós. Estamos destruindo o reino e dando a nossos inimigos uma oportunidade de tomá-lo!".

O silêncio foi a resposta.

"Acabei de provar que ninguém pode me vencer!", Artur continuou. "Se vocês combaterem a meu lado, e não contra mim... se me aceitarem como seu rei... poderemos expulsar nossos adversários para sempre! Então eu lhes trarei paz e lhes darei o que vocês mais querem. Poder! Riqueza! Sim! Em meu reino cada um de vocês terá seu próprio castelo, suas próprias terras, sua própria gente. E eu lhes darei ouro! Prometo que cada chefe que me jurar amizade receberá uma parte do tesouro real."

Agora as mãos de Artur tremiam sobre a espada. Seu olhar percorreu a multidão desconfiada.

O silêncio persistia.

A última luz do dia se apagou. Acenderam-se tochas, e na igreja teve início a oração vespertina.

Por fim a multidão começou a murmurar:

"Que palavras esquisitas..."

"Ele é bem sábio para tão pouca idade..."

"Não vejo mal nenhum em lhe dar uma chance..."

Merlim pôs a mão no ombro do jovem. "Artur será coroado aqui, na Páscoa", anunciou. Em seguida, afastou-se com o futuro rei, enquanto os comandantes e seus soldados olhavam, absolutamente pasmos.

Povos invasores

Os principais inimigos da Inglaterra eram os saxões, os anglos e os jutos, povos do Norte da Alemanha e da Escandinávia, que ocupavam o Leste do país. Ao mesmo tempo os francos invadiam a costa sudeste, e os pictos atacavam o Norte. Alguns bretões fugiram para a Bretanha, na França.

Elmo anglo-saxão

De aliados a inimigos

Os chefes bretões acolheram os anglo-saxões como aliados em suas lutas internas e os recompensaram dando-lhes terras no Leste do país. Quando se tornaram mais numerosos e fortes, os anglo-saxões passaram a combater os bretões, tomando seus territórios.

Magia e mistério

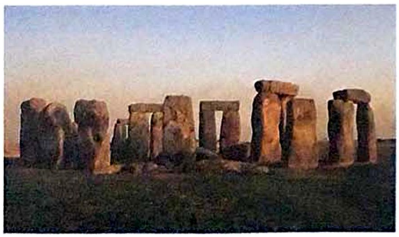
As lendas do rei Artur evocam uma época em que se acreditava em feitiçaria, metamorfose, presságios e tesouros dotados de poderes miraculosos. A magia tem raízes profundas nas tradições dos celtas, pois eles acreditavam que as forças sobrenaturais estavam por toda parte: no ar, no sol, na lua, nas estrelas, nos mares, nas montanhas, nos rios, nas árvores, nas pedras. Só as pessoas que receberam dons especiais dos deuses sabiam comunicar-se com essas forças para criar magia. Na história de Artur duas personagens usam tais dons para decidir o destino do legendário soberano e de seu reino: o mágico Merlim e a Fada Morgana.

Merlim

Figurando nas lendas célticas inicialmente como poeta e profeta, Merlim muda e evolui conforme as circunstâncias; assim, aparece como eremita, mágico, druida e até príncipe. Tão inventivo quanto mutável, conseguiu transformar-se em cervo e em menino e podia modificar a aparência dos outros, às vezes tornando-os invisíveis. Tinha ainda o dom de prever o futuro: sabia que Artur seria rei e que Guinevere acarretaria sua ruína.

Os *druidas*

Merlim tem muito em comum com os poderosos druidas da Inglaterra pré-romana. Para tornar-se druida era preciso memorizar rituais sagrados, fórmulas mágicas e conhecimentos ancestrais. Pouco se sabe sobre esses sacerdotes, pois eles não deixaram registros de seus hábitos.



As magníficas ruínas de Stonehenge, em Wiltshire.

Stonehenge

A lenda atribui aos poderes mágicos de Merlim o imenso círculo de pedra de Stonehenge. Esse antigo templo possivelmente teve um papel crucial nos rituais druídicos ligados à fertilidade e ao ciclo das estações. Como se formassem um enorme relógio de sol, as pedras estão posicionadas de modo que no dia 21 de junho, o solstício de verão, o sol nasce atrás da pedra central.

O bastão do mágico assinala seu poder.

Na lenda de Artur os bosques são locais escuros e encantados, repletos de perigos sobrenaturais.

Os velhos carvalhos do bosque de Wistman, em Dartmoor.

Com a magia, Merlim manipulava a natureza.

Fada Morgana

O mal e o bem

Nesta história Morgana é uma feiticeira que aprendeu muita coisa com Merlim mas, ao contrário do velho mágico, usa seus poderes para fazer o mal, sobretudo para destruir Artur, seu meio-irmão. Além de produzir venenos e soníferos, ela é capaz de voar e de transformar a si mesma e aos outros em animais e em pedras. Outras lendas a apresentam como uma fada boa, que possui o dom de curar doenças e ferimentos.

Morgana em forma de cobra

Raios e trovões demonstravam o poder supremo dos deuses.

Na lagoa Dozmary, em Devon, viviam espíritos como a Senhora do Lago.

Os celtas acreditavam que as pedras abrigavam espíritos. Algumas delas podiam denunciar uma mentira ou confirmar um rei legítimo.

A Senhora do Lago entrega a espada a Artur no filme Excalibur, *de 1981.*

ESPÍRITOS DAS ÁGUAS

A Senhora do Lago e outros espíritos aquáticos habitavam extensões de água doce. Para obter seus favores os fiéis lançavam objetos preciosos em lugares como a lagoa Dozmary (acima, à esquerda), onde, segundo a lenda, sir Bedivere atirou a Excalibur, a espada do rei Artur.

Os espíritos dos lagos eram belos e misteriosos.

Excalibur

Fabricada pelas fadas na ilha de Avalon, a Excalibur possuía poderes mágicos, e nenhum inimigo resistia a seus golpes. Artur ganhou-a da Senhora do Lago.

Camelot

Artur construiu sua corte em Camelot. Quando a lenda cresceu, Camelot adquiriu um caráter místico, revestiu-se de uma aura dourada, tornou-se um símbolo de harmonia e virtude. O filme Primeiro cavaleiro *(1995) apresenta esse lugar de sonho como um magnífico castelo de conto de fada.*

Capítulo 2

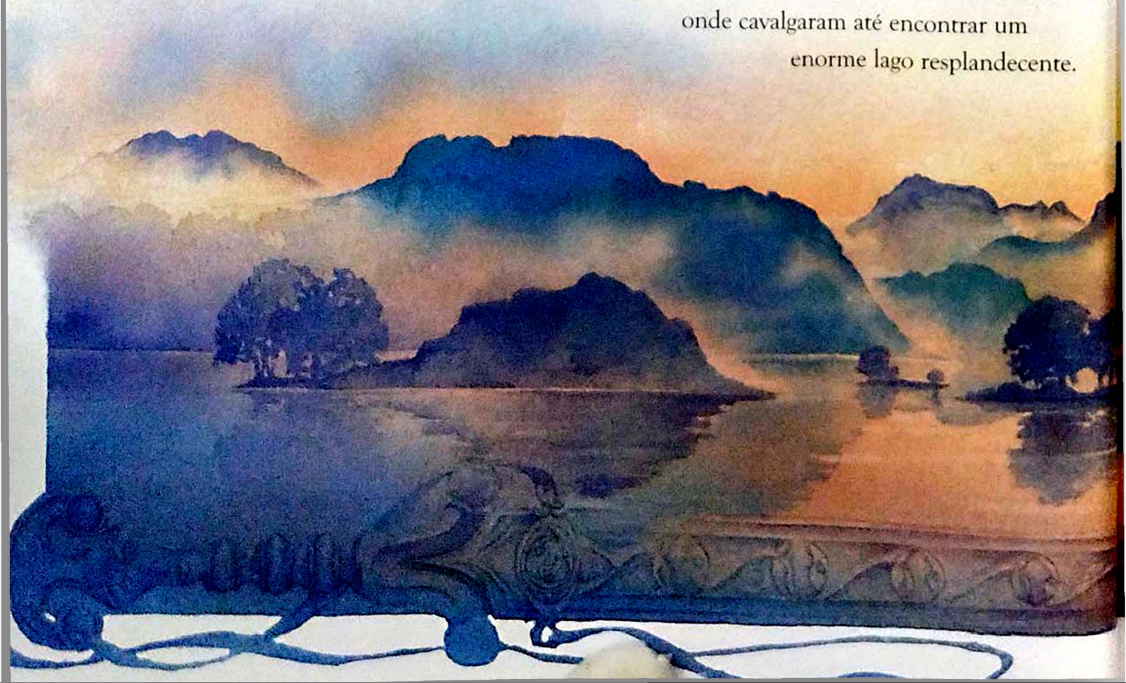
EXCALIBUR

A NOTÍCIA SE ESPALHOU rapidamente: agora o país tinha um novo rei, que prometia expulsar os invasores e acabar com guerras inúteis. Os chefes que se recusaram a aceitá-lo foram logo derrotados, e, ao chegar a Páscoa, toda a Inglaterra apoiava Artur. Reconhecendo que nunca poderiam vencer uma nação tão unida, os invasores se retiraram. A prosperidade e a paz reinariam no país.

Então todas as pessoas em condições de viajar para Londres foram assistir à coroação de Artur. Depois da cerimônia, ele convidou os nobres para um banquete e os presenteou com terras e tesouros. Encerrada a festa, partiu com Merlim para Camelot, onde construiria sua corte.

Passou-se algum tempo. E um dia Artur disse a Merlim: "Meu bom mágico, você sabe que deixei a espada na pedra, diante da Grande Igreja, pois aquele é o lugar onde ela deve ficar. Mas preciso de uma arma – uma arma digna de um rei".

"Monte em seu cavalo e venha comigo", o velho respondeu. Os dois saíram de Camelot e tomaram o rumo da Grande Floresta, onde cavalgaram até encontrar um enorme lago resplandecente.



"Espere e observe", Merlim ordenou.

Pouco depois o vento soprou, ondulando as águas plácidas. Em meio à bruma que se formou, surgiu um braço envolto em pura seda branca, com uma espada na mão. Ao mesmo tempo, uma mulher se pôs a deslizar na superfície do lago na direção de Artur; no caminho pegou a espada, colocou-a numa requintada bainha e entregou-a ao rei.

"Sou Nimue, a Senhora do Lago", ela falou. "E essa espada se chama Excalibur. As fadas a fabricaram, em Avalon, e eu a guardei durante anos e anos, especialmente para você."

Artur tomou a espada nas mãos e, fazendo uma profunda reverência, declarou: "Sinto-me muito honrado".

A mulher riu. "Diga-me se gostou..."

"É um verdadeiro tesouro!", Artur respondeu.

"Com a Excalibur você vencerá muitas batalhas", a Senhora do Lago informou. "Mas lembre-se: a bainha vale mais que mil espadas. Pois, enquanto você a tiver, não morrerá de nenhum ferimento. Contudo, se perder essa bainha... tome muito cuidado!"

"Eu me lembrarei de suas palavras e guardarei bem essa dádiva", Artur prometeu.

"Então, adeus, bom rei! Adeus, velho mágico!", Nimue disse, antes de desaparecer como a bruma.

Uma ninfa britânica

Nimue, a Senhora do Lago, assemelha-se aos espíritos da natureza que na mitologia greco-romana recebem o nome de ninfas. Na lenda, Nimue tinha a proteção de Ártemis, a deusa grega da caça, dos lagos e dos bosques, da qual seu pai era devoto. Na história do rei Artur, possui poderes mágicos inferiores apenas aos de Merlim.

Uma mulher se pôs a deslizar suavemente pela superfície do lago.

Guinevere impressionou Artur com sua beleza.

Transcorreu mais algum tempo, e o jovem soberano amadureceu, tornando-se um belo homem. Sua habilidade como guerreiro já era quase legendária. E sua figura deu origem a diversas histórias: que ele teria perseguido um cervo durante sete dias inteiros sem se cansar; que teria oferecido uma festa em Camelot e dançado desde a meia-noite até o amanhecer; que sabia pôr fim a qualquer briga com poucas palavras e conseguia consolar toda tristeza com um simples sorriso.

Sempre acompanhado de Merlim, Artur percorria com frequência seu reino pacífico e próspero, reforçando velhas amizades e fazendo novos amigos.

Uma tarde os dois cavalgavam pelo campo de Cameliard, quando começou a anoitecer. Como estavam bem perto do castelo do rei Leodegrance, resolveram apear-se e pedir pousada por uma noite.

Guinevere, filha única de Leodegrance, recebeu-os no salão e logo impressionou Artur com sua beleza, seus cabelos cor de cobre, seus olhos luminosos e vivazes. Sem se intimidar com a presença do famoso rei, serviu-lhe uma guampa de vinho e perguntou sobre as novidades de Camelot. Artur se surpreendeu com a quantidade de coisas que tinha para contar, e sua anfitriã ouviu-o atentamente. Os criados serviram carne, frutas e mel, e puseram novas achas na lareira. Então chegou a vez de Guinevere falar e de Artur escutá-la, encantado.

Já era noite cerrada quando o dono do castelo voltou. Artur se levantou de um salto e cumprimentou-o, inclinando-se com todo o respeito.

"Majestade, peço-lhe que me conceda uma enorme dádiva", disse. "Permita que eu me case com sua filha! Quero que ela seja minha rainha."

O rei Leodegrance meditou durante alguns segundos e por fim falou: "Muitos pais dariam a vida por tamanha honra. Eu lhe concedo a mão de minha filha com o maior orgulho".

Radiante, Artur perguntou a Guinevere: "A senhorita me aceita como seu marido?".

"Aceito", ela respondeu, sorrindo.

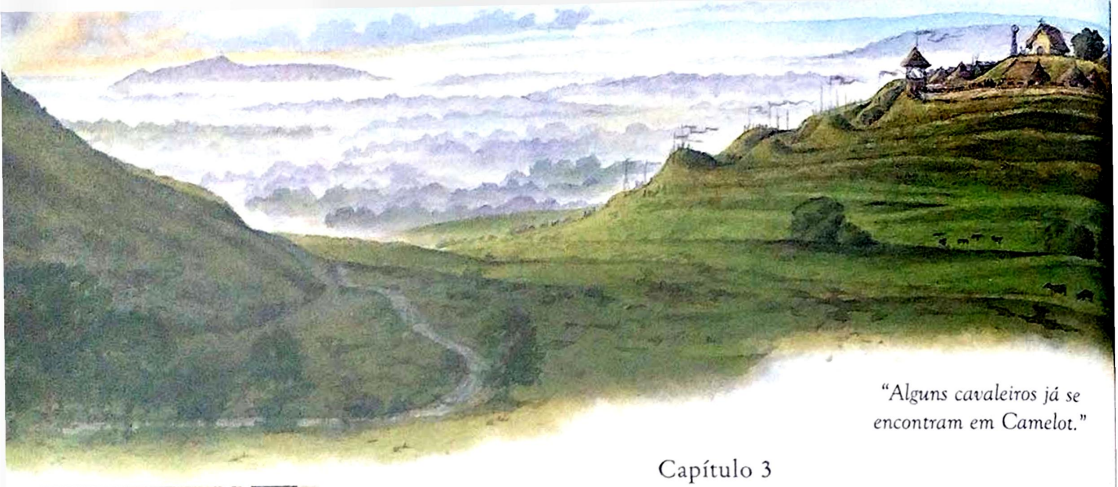
Combinaram assim o casamento, em meio a grande alegria. Mas na manhã seguinte, quando Artur e Merlim voltavam para Camelot, o mágico balançou a cabeça e suspirou.

"Você talvez pense que o amor é tudo na vida", falou. "Mas receio que se arrependa desse casamento. Pois ontem à noite sonhei que Guinevere vai provocar sua ruína."

As palavras agourentas de Merlim apenas fizeram Artur rir.

Mulheres poderosas
Em algumas sociedades celtas as aristocratas participaram ativamente da vida política. A escultura acima homenageia Boadiceia, rainha de um antigo povo da Bretanha, os icênios. Ela liderou uma revolta contra os romanos em 60 d.C. e, derrotada, preferiu suicidar-se a viver sob o jugo dos invasores.

Beleza e graça
Neste retrato da rainha Guinevere o pintor inglês William Morris celebrou a beleza das mulheres celtas, que se orgulhavam sobretudo de seus penteados requintados.



"Alguns cavaleiros já se encontram em Camelot."

Capítulo 3

Os cavaleiros da Távola Redonda

Bodas reais
O casamento de Artur e Guinevere, retratado com grande pompa no filme Excalibur, *de 1981 (acima), assinalou a criação da Távola Redonda.*

Entre iguais
Símbolo de igualdade, a Távola Redonda inspirou a moderna mesa-redonda, ou reunião entre iguais. A mesa acima data da Idade Média e se encontra no castelo de Winchester, Inglaterra.

POUCO ANTES DO CASAMENTO, o rei Leodegrance partiu para Camelot com Guinevere. Levava também seu presente para os noivos: uma mesa redonda, de carvalho maciço. Os criados carregaram a mesa até o salão do castelo, sob o olhar atento de Artur.

"Cada lugar é para um cavaleiro", Leodegrance explicou ao genro. "Reunindo-se sempre com seus homens e falando-lhes com absoluta sinceridade, você correrá menos risco de que eles se ofendam com alguma coisa ou escondam segredos perigosos."

Artur estava perplexo. "Mas o lugar do rei é à cabeceira", alegou, "e mesa redonda não tem cabeceira..."

"Em compensação, a voz de todos tem o mesmo valor", Guinevere ponderou, tomando carinhosamente a mão do noivo.

"Mesmo assim, pode ser que eles briguem para sentar-se cá ou lá...", Artur argumentou.

"Resolveremos o problema antes que se apresente", Merlim declarou, estendendo as mãos nodosas sobre a mesa redonda. Suas longas unhas dispararam faíscas, e a superfície de carvalho reluziu como uma brasa imensa. Quando reassumiu a aparência normal, todos viram um nome inscrito diante de cada lugar.

"Esses são os nomes dos cavaleiros da Távola Redonda", o mágico informou. "Alguns deles já se encontram em Camelot; outros estão a caminho."

"Eu os receberei de braços abertos", Artur prometeu.

No entanto, um segundo depois ele apontou para uma das inscrições e observou: "Aqui só está escrito 'Lugar Perigoso'. Por quê?".

"Porque é a 'Cadeira do Perigo' e se destina a um único homem", Merlim esclareceu. "Qualquer outro que tente sentar-se ali vai se reduzir a cinzas!"

O mágico levou então o jovem rei até a porta e mostrou-lhe os muitos cavaleiros que percorriam as colinas verdejantes, dirigindo-se para Camelot. Vinham de todos os cantos do reino e até de outras terras, e tinham o aspecto belo e nobre que só um cavaleiro poderia ter.

Os cavaleiros haviam saído de todos os cantos do reino.

O cervo branco
A perseguição que perturbou o banquete nupcial exigia a intervenção dos cavaleiros, pois na tradição cristã o cervo branco simbolizava a pureza, e os cães encarnavam a maldade.

Lazer sangrento
A caça (abaixo) era um dos esportes prediletos de nobres e guerreiros, que usavam cães como o moderno wolfhound irlandês (ao lado) para perseguir cervos e javalis nas florestas do reino. Segundo a lenda, Artur era um exímio caçador.

Guinevere e Artur casaram-se numa igrejinha nos arredores de Camelot e, após a cerimônia, reuniram-se com os convidados para celebrar o acontecimento com um grande banquete. No meio da festa os portões do castelo se escancararam, e um cervo branco entrou correndo, perseguido por sessenta cães. Atrás da matilha vinha uma dama, gritando que o cervo lhe pertencia, era seu animal de estimação e não podia morrer. Um sujeito mal-encarado apareceu um instante depois, agarrou a pobre mulher e levou-a embora. O silêncio tomou conta do castelo, mas Guinevere não demorou a rompê-lo com sua voz cristalina. "Aquela dama está correndo perigo. Quem irá salvá-la?", perguntou.

Nenhum cavaleiro respondeu.

Um cervo branco entrou correndo, perseguido por sessenta cães.

"Que vergonha!", a rainha exclamou, indignada. "Se Artur estivesse procurando voluntários para uma guerra, todos vocês haveriam de se apresentar. Será que vale mais a pena lutar por um punhado de ouro ou um pedaço de chão do que por uma mulher?" Todos os homem baixaram a cabeça.

"Você, você e você", Guinevere decidiu, apontando com o dedo esguio sir Gawain, sir Tor e sir Pellinore. "Vão acudir aquela coitada e não me apareçam aqui sem ela!"

Depois que os três partiram, Guinevere pegou o marido pela mão e o conduziu para fora, a fim de conversar com ele em particular.

Quando a noite caiu, os criados acenderam as tochas, e os convidados se puseram a dançar. Os noivos voltaram para o salão, mas não participaram da alegria geral.

Por fim os três cavaleiros retornaram, trazendo a dama do cervo branco. Guinevere a recebeu amavelmente e agradeceu a seus salvadores.

Então o rei falou: "Escutem, homens da Távola Redonda!

A partir de hoje vocês devem servir a rainha como servem a mim. Nós dois lhes ordenamos que lutem pela justiça, não pelo poder! Nunca se recusem a ajudar uma mulher; protejam os fracos e os inocentes; sejam bons e generosos!".

Os cavaleiros deram um passo à frente e juraram sobre a Bíblia cumprir as ordens. Alguns, no entanto, olharam Guinevere com ar de ameaça, resmungando que uma mulher com tal temperamento merecia a ruína.

Juramento sagrado

Com a mão direita sobre a Bíblia, os cavaleiros pronunciaram o juramento sagrado que constituiria a base de seu código de honra: proteger as mulheres e defender a justiça.

Nobres cavaleiros

Os melhores cavaleiros da Inglaterra e da Europa fizeram parte da Távola Redonda do rei Artur, e logo se tornaram famosos pela bravura, pela generosidade e pela retidão. Cada um deles jurou pela própria vida ser leal ao rei, agir sempre com misericórdia, defender as mulheres e nunca lutar por uma causa injusta. Com o tempo, definiu-se o caráter desses homens, que desempenharam papéis cruciais na ascensão e queda da corte de Artur. Aqui estão alguns dos cavaleiros mais importantes e algumas de suas aventuras mais maravilhosas.

Esta ilustração medieval mostra apenas doze dos 1600 cavaleiros mencionados em algumas fontes.

Sir Mordred

Alguns dizem que o pérfido Mordred era filho de Ana, irmã de Artur. Por ocasião de seu nascimento, Merlim profetizou que ele iria tirar a coroa de seu tio.

Sir Percival

Por sua destreza e coragem, foi um dos maiores guerreiros da Távola Redonda – o terceiro, depois de Lancelote e Galahad. Uma aura de inocência e humildade envolve sua figura.

Sir Pellinore

Pai de Tor e Percival, Pellinore matara Lot, pai de Gawain, Gaheris, Agravain e Gareth, havendo, pois, grande hostilidade entre as duas famílias. Com frequência ele se ausentava de Camelot para perseguir uma estranha criatura.

Sir Tristão

Esse cavaleiro chegou a Camelot morrendo de amor por Isolda, mulher de seu tio. Não se demorou muito no reino de Artur, mas revelou-se um bravo guerreiro, à altura de Lancelote, do qual se tornaria amigo.

Gawain e o Cavaleiro Verde, interpretados em 1973 por Murray Head e Nigel Green.

Sir Bedivere

Um dos primeiros cavaleiros que ingressaram na Távola Redonda, foi responsável por muitos torneios e banquetes realizados em Camelot. Manteve-se fiel a Artur até o fim, quando sua lealdade passou por um duro teste.

Sir Galahad

O mais santo dos cavaleiros do rei Artur usava armadura vermelha, simbolizando o sangue de Cristo, e seu escudo branco ostentava uma cruz vermelha. Um lugar especial da Távola Redonda esperou por Galahad durante anos.

Sir Gawain

Seu maior defeito era o orgulho, que o levava a ofender-se facilmente e procurar vingança. Sobrinho de Artur e filho mais velho do rei Lot, de Orkney, Gawain só perdia em destreza para Lancelote, porém o superava em lealdade.

Sir Gareth

Ao contrário de seus irmãos, os orgulhosos Gawain e Gaheris e o cruel Agravain, Gareth era bom, gentil e muito amigo de Lancelote.

Sir Kay

Esse cavaleiro irascível e inábil, mas extremamente leal, era irmão de criação de Artur, que o incumbiu de administrar Camelot.

O ator inglês Forbes Robertson no papel de Lancelote.

Defensor da rainha

No dia em que Artur o sagrou cavaleiro, o belo e jovem Lancelote se esqueceu de levar sua espada. Guinevere prontamente resolveu o problema, e Lancelote jurou que nunca serviria a outra mulher. Logo se tornou o defensor da rainha e o maior guerreiro de Camelot. Seu lugar à Távola Redonda era à direita de seu filho Galahad.

Gawain e o Cavaleiro Verde

Um gigantesco cavaleiro, vestido de verde, lançou um desafio à Távola Redonda: deixaria qualquer um golpeá-lo, se pudesse revidar um ano e um dia depois.

Gawain aceitou o desafio e o degolou. O gigante pegou a própria cabeça e foi embora. Passou um ano. Gawain partiu ao encontro do Cavaleiro Verde e no caminho cometeu o único deslize de sua vida: aceitou o cinto de uma dama casada que tentara seduzi-lo. Quando chegou a seu destino, curvou-se para receber o golpe do gigante, demonstrando sua imensa coragem.

Machado celta

Tristão e Isolda tomam a poção do amor, em quadro pintado em 1912 por John McKirdy.

Tristão e Isolda

Sobrinho do rei Marcos da Cornualha, Tristão foi à Irlanda buscar Isolda, a noiva do tio. Na viagem de volta, os jovens acidentalmente tomaram uma poção do amor. Isolda se casou com Marcos, porém se encontrava em segredo com Tristão. Ao descobrir a traição, o rei desterrou o sobrinho, que, embora tenha partido para a França e lá se casado, não esqueceu seu amor. Ferido em combate, Tristão pediu à esposa que chamasse Isolda, pois só ela poderia curá-lo. O navio içaria velas brancas se a trouxesse; se não, içaria velas negras. Sua mulher concordou, mas, ao avistar as velas brancas do navio, disse a Tristão que eram negras, e ele morreu de tristeza. Ao chegar, Isolda não resistiu a tamanha dor e caiu sem vida sobre seu corpo.

O cavaleiro da cozinha

Gareth chegou a Camelot disfarçado de criado e foi trabalhar na cozinha do castelo. Um dia uma dama chamada Lynet apareceu na corte, procurando quem se dispusesse a libertar sua irmã Lyonors das garras de um cruel cavaleiro. Quando Gareth se apresentou, Lynet desdenhou-o, dizendo que ele tinha cheiro de cozinha. Mas o jovem provou que era um autêntico cavaleiro, e não só cumpriu sua missão, como se casou com a bela Lyonors.

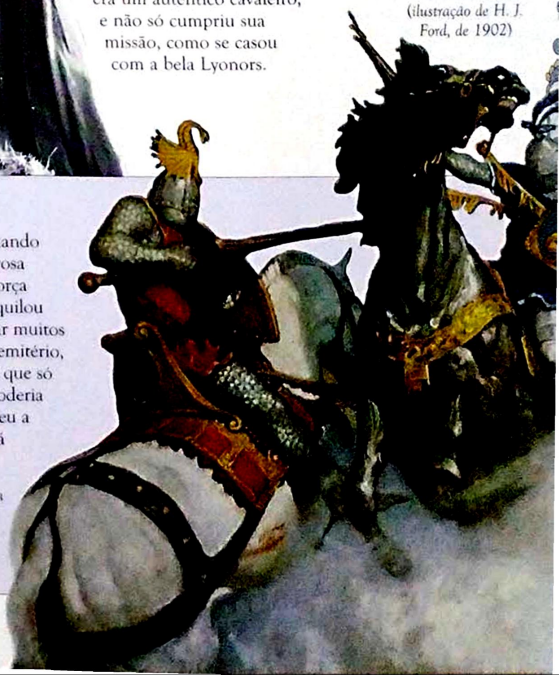
Gareth e Lynet (ilustração de H. J. Ford, de 1902)

Descoberta sinistra

Uma das mais estranhas aventuras de Lancelote teve início quando uma donzela lhe contou que os cavaleiros do castelo da Guarda Dolorosa mataram seu amado. Graças a um escudo mágico que lhe conferia a força de três homens, Lancelote aniquilou os assassinos. Depois de libertar muitos prisioneiros, foi levado a um cemitério, onde havia uma placa de ferro que só quem conquistasse o castelo poderia levantar. Ele ergueu a placa e leu a seguinte inscrição: "Aqui jazerá Lancelote do Lago".

Lancelote em combate em quadro de N. C. Wyeth

Lancelote descobre o próprio túmulo (ilustração do século XIV).



Capítulo 4

FEITIÇOS

O velho mágico tinha poder sobre as trevas e a luz.

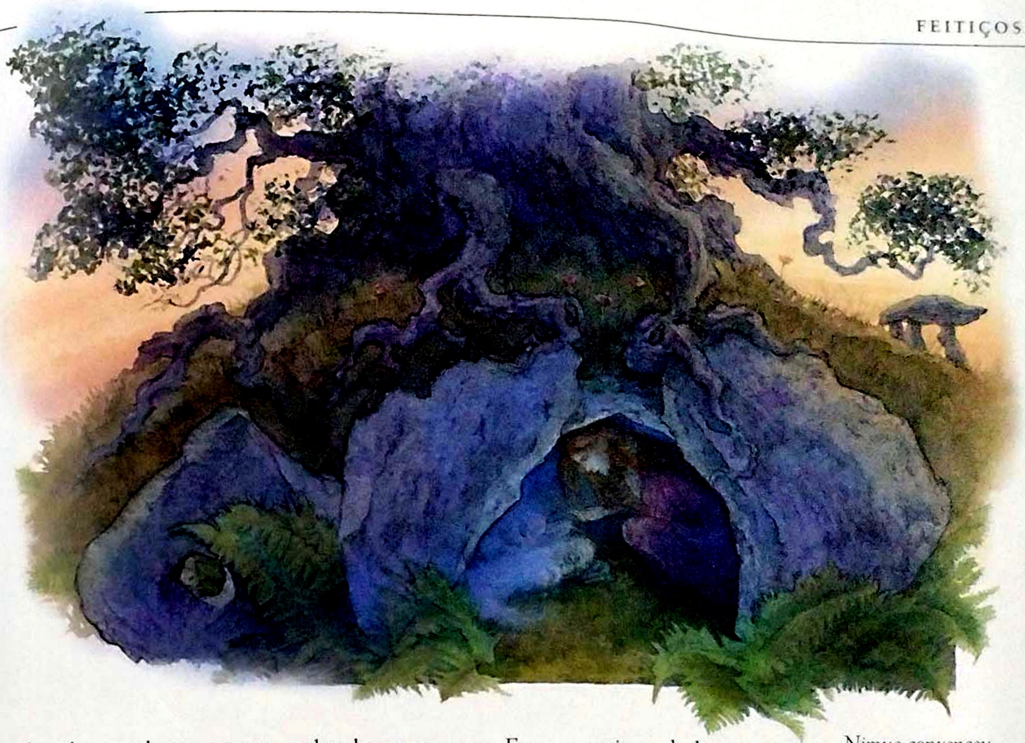
NUNCA EXISTIU na face da terra tão esplêndida corte quanto Camelot. O mundo inteiro cantava louvores ao bravo e generoso rei Artur. Com o passar dos anos ele havia aprimorado suas qualidades e adquirira tamanha sabedoria que já não procurava os conselhos de Merlim.

Essa mudança magoou profundamente o velho mágico, sobretudo porque agora era Guinevere quem ouvia todas as confidências e partilhava as preocupações do soberano.

Só então Merlim se deu conta de que estava já com quase sete séculos de vida e nunca provara o gosto do amor.

Tentando encontrar uma mulher a sua altura, pôs-se a vasculhar os cantos sombrios do reino e os desvãos empoeirados da memória. E, para onde quer que ele olhasse, seus pensamentos sempre se voltavam para Nimue, a Senhora do Lago. Até que um dia ele correu para a floresta e parou junto às águas cristalinas, murmurando: "Nimue... eu te amo...".

A princípio a bela Senhora do Lago apenas riu, mas depois assustou-se, já que ele recorreu a seus encantamentos para aprisioná-la com laços invisíveis. Nimue sabia que o mágico tinha poder sobre as trevas e a luz e que sua vontade era firme como as montanhas. Assim, pediu paciência, pois com o tempo



Nimue convenceu Merlim a levá-la para dentro da caverna.

ela talvez acabasse correspondendo a seu amor. Enquanto isso ele bem que poderia ensinar-lhe os segredos de sua magia. Cego pela paixão, Merlim concordou.

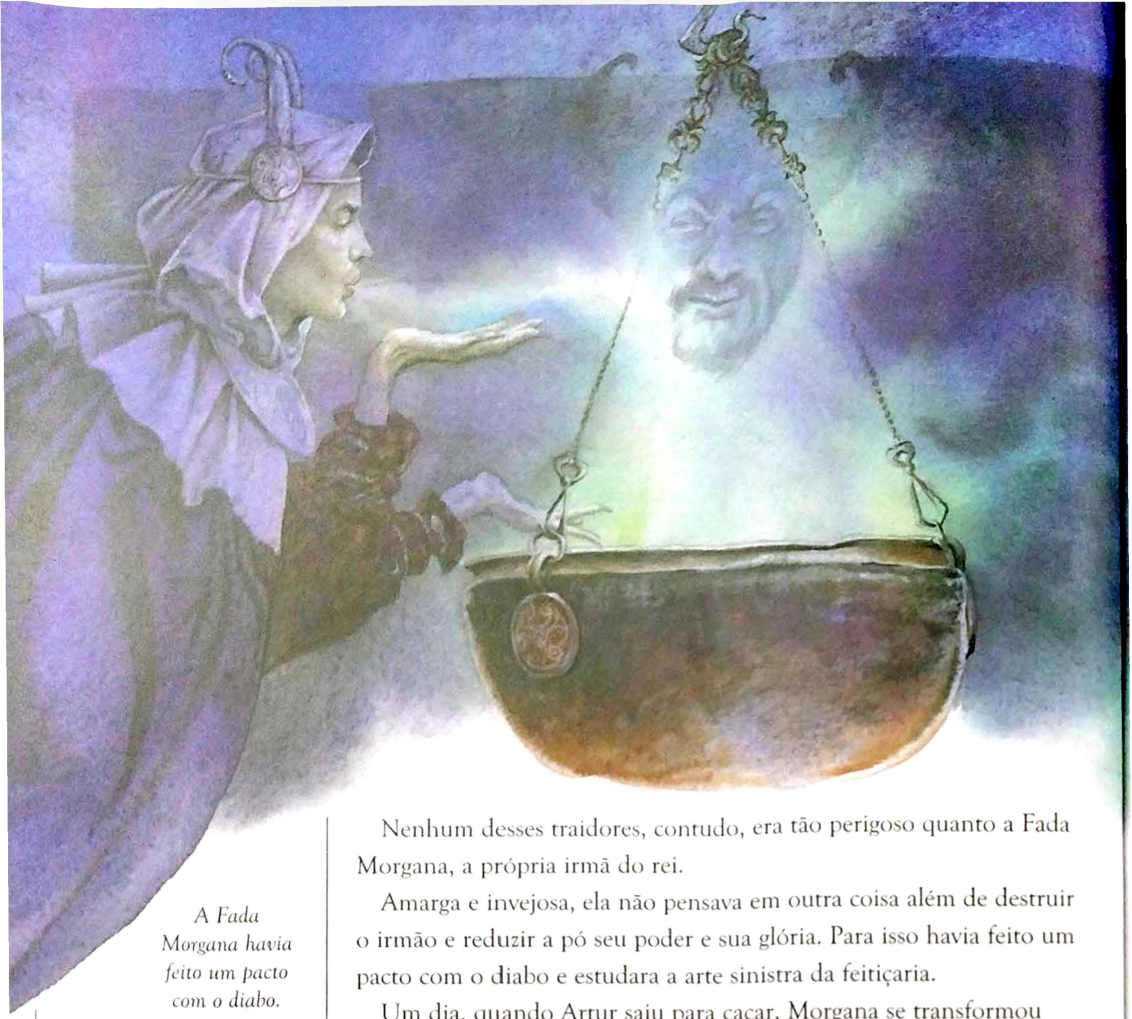
Um dia conduziu a amada através dos campos até uma caverna nos confins da Cornualha. Fios de prata iluminavam as paredes de pedra, recobertas de musgo.

A esperta Nimue o convenceu a levá-la para dentro da caverna e, cantando uma canção mágica que o próprio Merlim lhe ensinara, o fez mergulhar num sono profundo. Então saiu, pé ante pé, e recorreu a outros encantamentos para fechar a caverna, reduzindo sua entrada a uma fenda estreita e intransponível. Assim escapou daquele amor estranho e condenou Merlim a dormir para sempre.

Artur demorou a notar a ausência do velho mágico. Mas a tristeza invadiu seu coração quando surgiram boatos de que Merlim havia morrido. Todos na corte perceberam o imenso pesar do soberano — mesmo um bando de canalhas que aguardava apenas uma chance de destroná-lo; os traidores interpretaram o desaparecimento de Merlim como sinal de que chegara a hora de tramar contra Artur.

A "Caverna de Merlim"

A Senhora do Lago teria aprisionado o velho mágico nessa caverna, situada em Tintagel. O desaparecimento de Merlim assinalou o começo do fim da Távola Redonda.



A Fada Morgana havia feito um pacto com o diabo.

Laços de família

Irmã do rei Artur por parte de mãe, a Fada Morgana era filha de Igraine e Gorlois, duque de Tintagel. As lendas mais antigas a apresentam como uma figura do bem, que usa seus conhecimentos de ervas medicinais para curar guerreiros feridos. Posteriormente os contadores de histórias fizeram dela uma feiticeira invejosa da glória do meio-irmão.

Nenhum desses traidores, contudo, era tão perigoso quanto a Fada Morgana, a própria irmã do rei.

Amarga e invejosa, ela não pensava em outra coisa além de destruir o irmão e reduzir a pó seu poder e sua glória. Para isso havia feito um pacto com o diabo e estudara a arte sinistra da feitiçaria.

Um dia, quando Artur saiu para caçar, Morgana se transformou num cervo e fez com que ele a perseguisse floresta adentro, sem parar, até deixá-lo quase morto de cansaço. Então desapareceu misteriosamente, largando-o sozinho na margem de um rio.

Estranhas melodias quebraram o silêncio da mata, emitidas por um pequeno barco que se aproximava da terra. Artur as escutou e, cambaleando, como num sonho, entrou na água e subiu a bordo. Uma mulher de rosto velado ofereceu-lhe pães de mel e depois o acalentou para fazê-lo dormir.

Quando ele acordou, não viu nem sinal do barco e da mulher. Estava trancafiado no escuro calabouço de um castelo – sem a Excalibur e sua bainha mágica!

A mulher de rosto velado surgiu, com uma espada na mão.

De repente a porta do calabouço se escancarou. A mulher de rosto velado surgiu, com uma espada na mão.

"Acho que você gostaria de recuperar sua querida Excalibur", ela falou, num tom de zombaria. "Tome-a! E venha lutar por sua liberdade!"

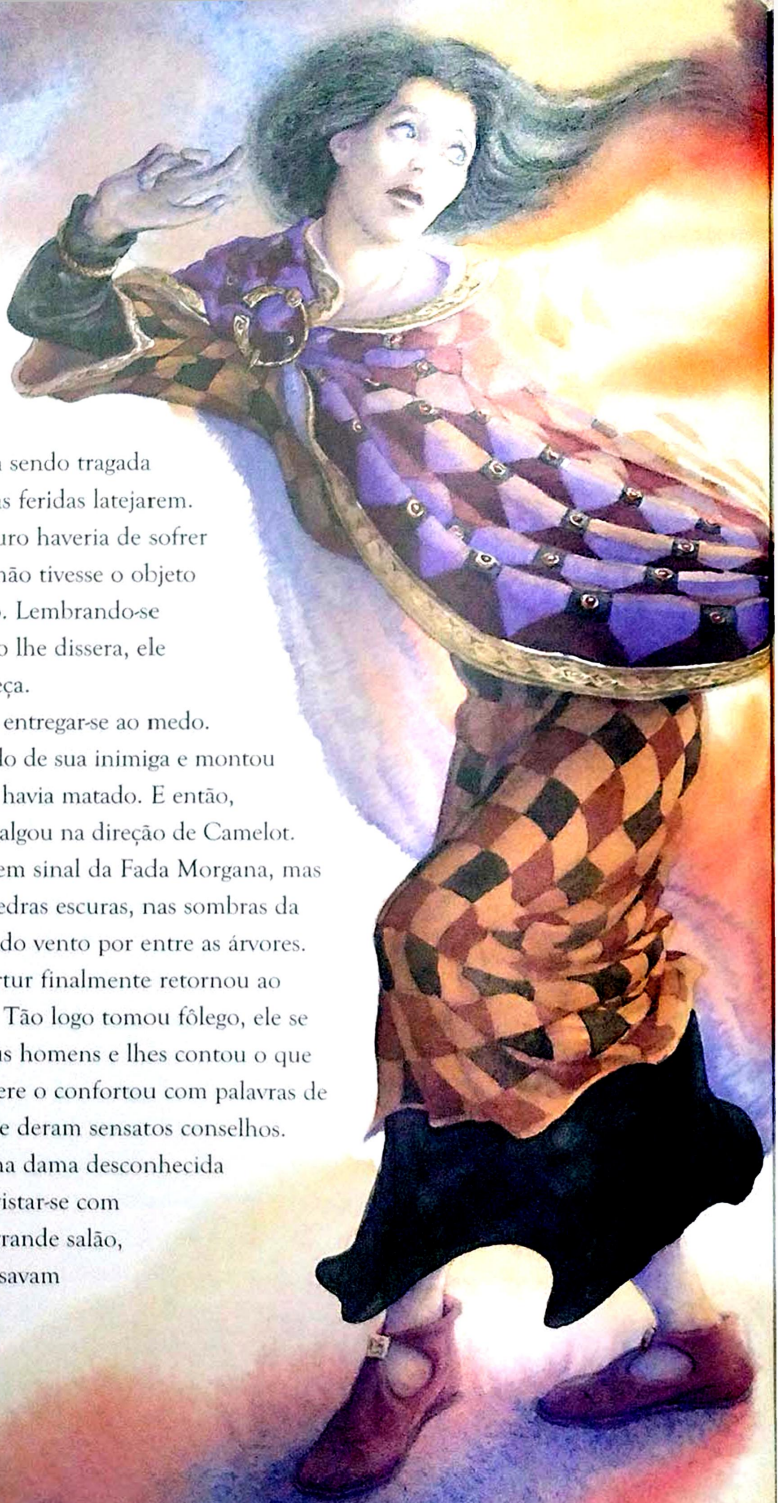
Artur se levantou de um pulo, agarrou a espada e seguiu a mulher por uma estreita escadaria até o pátio do castelo. Ali teve de se bater com um cavaleiro que selvagemente investiu contra ele. Mal começou a lutar, percebeu que empunhava uma inútil imitação de sua preciosa arma, pois a Excalibur autêntica resplandecia na mão do adversário.

A raiva lhe deu a força de um leão. Jogando longe a espada falsa, Artur saltou sobre o cavaleiro, arrancou-lhe a verdadeira Excalibur e o matou com um único golpe.

Então a mulher soltou uma risada estridente e descobriu o rosto. Era a Fada Morgana e tinha em seu poder a bainha mágica! Antes que o irmão tentasse agarrá-la, ela deixou o castelo e voou até o rio. Artur correu em seu encalço, rugindo de ódio, mas não chegou a tempo: a perversa feiticeira já havia atirado a bainha da Excalibur no meio do rio.

Terror das águas

Perigosa fada dos lagos nos contos galeses, Morgana é nas lendas francesas uma sereia que conduz os pescadores à morte. Na Sicília seu nome designa um fenômeno de miragem que ocorre no mar Tirreno.



O precioso tecido soltou uma grande faísca branca e incendiou-se.

Ao ver a bainha mágica sendo tragada pela água, o rei sentiu suas feridas latejarem. Sabia, porém, que no futuro haveria de sofrer muito mais que agora se não tivesse o objeto encantado para protegê-lo. Lembrando-se do que a Senhora do Lago lhe dissera, ele estremeceu dos pés à cabeça.

Não podia, no entanto, entregar-se ao medo. Assim, voltou para o castelo de sua inimiga e montou o animal do cavaleiro que havia matado. E então, orientando-se pelo sol, cavalgou na direção de Camelot.

No caminho não viu nem sinal da Fada Morgana, mas sentiu sua presença nas pedras escuras, nas sombras da mata, no lúgubre assobio do vento por entre as árvores.

A noite caía quando Artur finalmente retornou ao aconchego de seu castelo. Tão logo tomou fôlego, ele se reuniu com a rainha e seus homens e lhes contou o que havia acontecido. Guinevere o confortou com palavras de carinho, e os cavaleiros lhe deram sensatos conselhos.

Na manhã seguinte, uma dama desconhecida foi à corte e pediu para avistar-se com o rei. Levaram-na para o grande salão, onde os soberanos conversavam com os cavaleiros.

A dama entregou a Artur um pacote envolto em seda e amarrado com fitas de cetim.

"É um presente de minha senhora, a Fada Morgana", explicou. "Ela pede desculpas pela brincadeira boba de ontem e espera que Vossa Majestade aceite este mimo, como prova de que está realmente arrependida."

O rei fitou o pacote com os olhos apertados.

"Não abra!", Guinevere gritou. "Primeiro ela tem de nos mostrar o que há aí dentro."

Sem dizer uma palavra, Artur devolveu o embrulho. Depois de fuzilar a rainha com o olhar, a mensageira da Fada Morgana desamarrou as fitas e afastou a seda, revelando o conteúdo do pacote: um esplêndido manto forrado de arminho e adornado com incontáveis pedras preciosas. Todos pasmaram ante tamanha beleza.

"Vossa Majestade permite que eu o coloque em seus nobres ombros?", a mulher perguntou.

"Não!", Guinevere gritou mais uma vez. "Como podemos confiar em qualquer pessoa enviada por aquela bruxa traiçoeira?", perguntou. E dirigindo-se à dama: "Quero que você mesma vista o manto, para provar que não está enfeitiçado".

"Ora, Majestade, é um manto de homem... é pesado..."

"Obedeça!", Artur ordenou calmamente.

A mulher baixou os olhos. Bem devagar, com extrema relutância, pegou o manto e colocou-o sobre os próprios ombros. Nem bem fechou o broche que o prendia ao pescoço, o precioso tecido começou a arder e a desprender fumaça. Dali a um instante soltou uma grande faísca branca e incendiou-se. Em questão de segundos a mensageira da Fada Morgana se reduziu a um montinho de cinzas.

Símbolo da realeza

A pele do arminho, mamífero mustelídeo das regiões polares, tradicionalmente adornava o manto real, simbolizando o poder monárquico. Morgana zombou desse símbolo da realeza ao tentar matar Artur com um manto encantado.

Harmonia conjugal

O apoio e o amor de Guinevere eram essenciais para Artur, como demonstra o episódio do manto. Enquanto o casal vivesse em harmonia, o reino e a Távola Redonda estariam seguros.

Herói eterno

Apesar da provável origem galesa do nome Lancelote, foram sobretudo os poetas franceses do começo da Idade Média que desenvolveram a figura fascinante desse cavaleiro corajoso e cortês, transformando-o num herói eterno (acima o ator Humbert Balsan em Lancelot du Lac, *1974).*

Lancelote do Lago

Quando Ban, rei de Benwick e pai de Lancelote, morreu, sua viúva abandonou o menino na margem de um lago. Nimue o criou e levou-o, depois de adulto, para Camelot, onde ele se tornou o maior guerreiro da Távola Redonda.

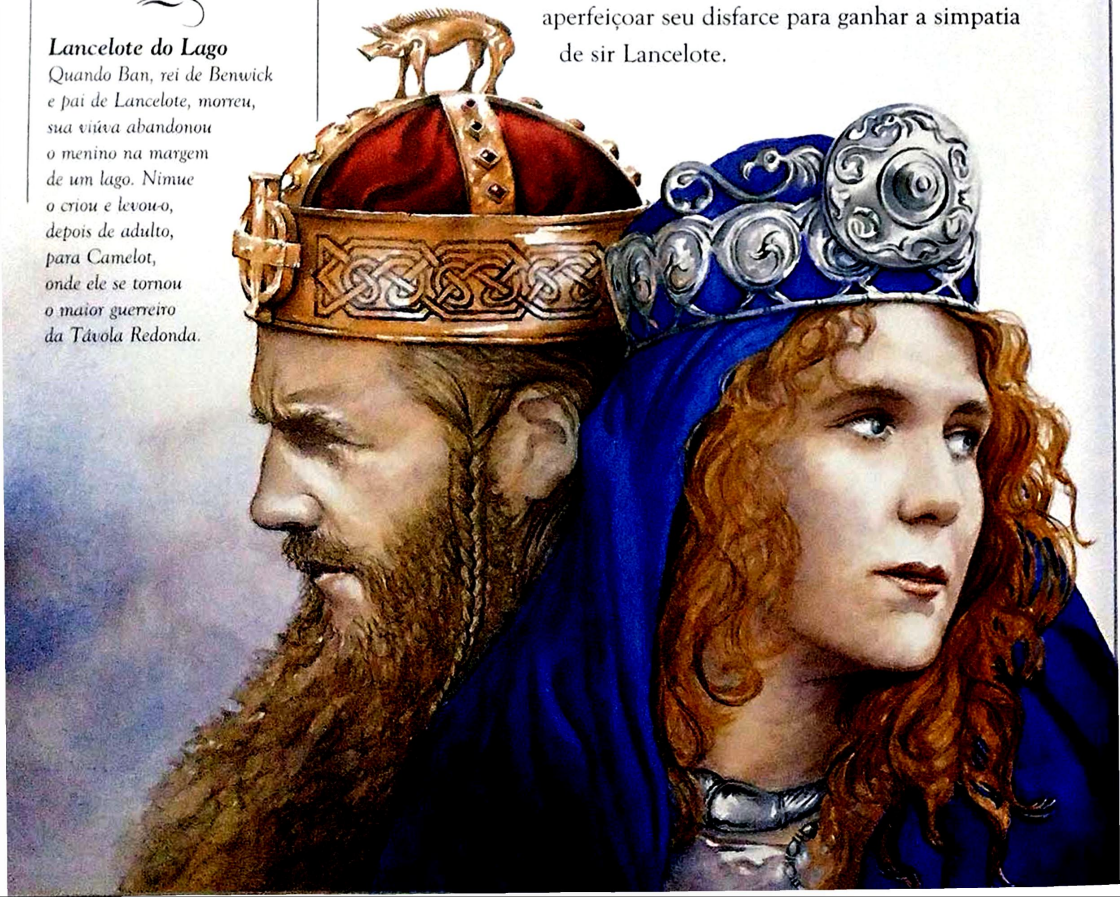
Quando soube como havia terminado sua tentativa de matar o irmão, a Fada Morgana se recolheu ao canto mais escuro de seu castelo para remoer a raiva e conceber mais uma estratégia diabólica.

"Então a rainha pensa que pode me passar a perna...", resmungava, andando de um lado a outro. "Pois destruirei aquela idiota também!"

Pouco depois, com um novo plano em mente, vestiu-se como uma aristocrata igual às outras e partiu para Camelot. Com seus artifícios logo conquistou a confiança das damas da corte, que não hesitaram em lhe contar tudo o que se falava a respeito do casal real.

Em meio a mexericos sem a menor consistência, elas lhe revelaram algo muito interessante: que, apesar de admirar e respeitar todos os seus cavaleiros, Artur dedicava particular estima a sir Lancelote. Insuperável no combate, dotado de inteligência brilhante e de um delicioso senso de humor, ele se tornara o melhor amigo do soberano.

"Uma isca perfeita...", a Fada Morgana pensou, tratando de aperfeiçoar seu disfarce para ganhar a simpatia de sir Lancelote.



Quando conseguiu seu novo intento, fingiu-se muito preocupada com o bem-estar de Guinevere.

"Dizem que ela vive triste, tão sozinha... Artur só se preocupa com o reino e nunca tem tempo para a coitada...", suspirou. E baixando a voz: "Ainda outro dia me contaram que a rainha ficaria muito feliz se o cavaleiro predileto de seu marido lhe fizesse companhia...".

Sir Lancelote ouviu tudo em silêncio, mas passou a observar Guinevere com maior atenção. Verificou que, embora ela fosse sempre generosa com os sorrisos, muitas vezes tinha um olhar triste e pensativo. E não demorou muito para concluir que a Fada Morgana lhe falara a verdade.

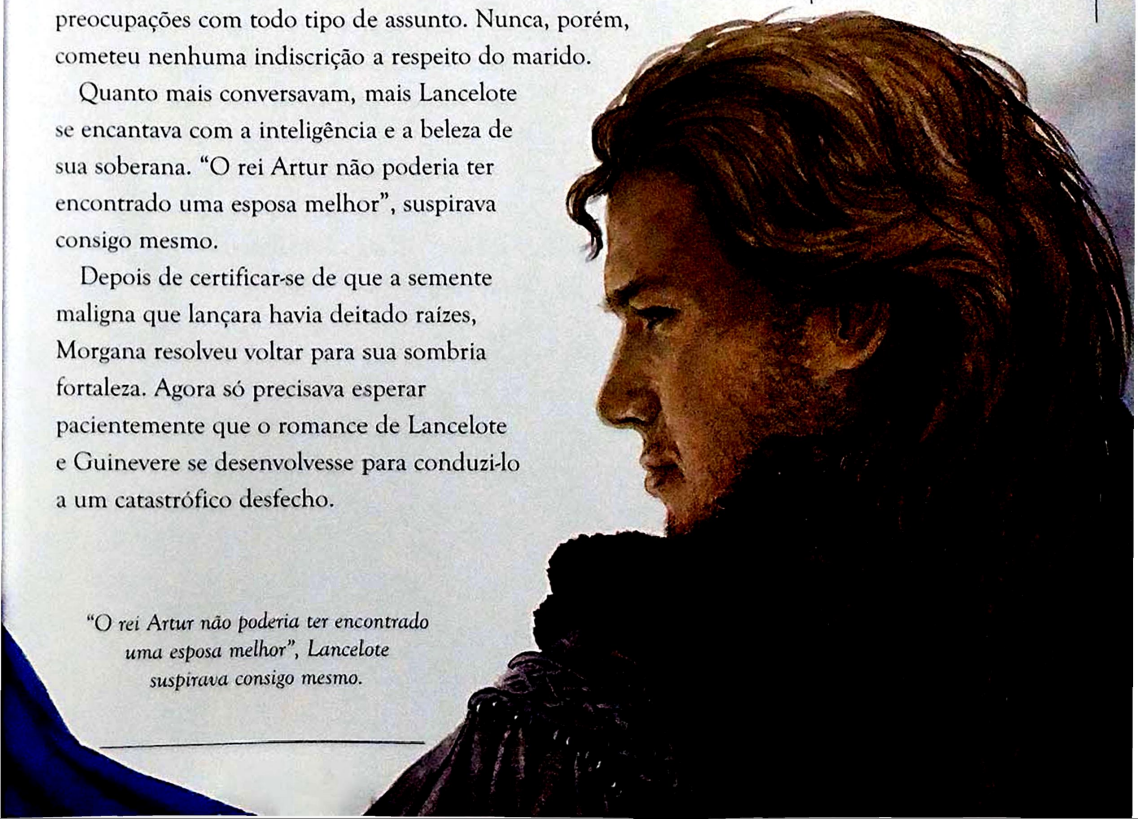
O pior foi que acabou gostando tanto de observar a rainha que já não conseguia ficar longe dela. Assim, corria a procurá-la sempre que os deveres de cavaleiro o permitiam. Guinevere recompensou sua dedicação a princípio com comentários amáveis e depois com longas conversas. Por fim passou a fazer-lhe confidências, expondo-lhe suas preocupações com todo tipo de assunto. Nunca, porém, cometeu nenhuma indiscrição a respeito do marido.

Quanto mais conversavam, mais Lancelote se encantava com a inteligência e a beleza de sua soberana. "O rei Artur não poderia ter encontrado uma esposa melhor", suspirava consigo mesmo.

Depois de certificar-se de que a semente maligna que lançara havia deitado raízes, Morgana resolveu voltar para sua sombria fortaleza. Agora só precisava esperar pacientemente que o romance de Lancelote e Guinevere se desenvolvesse para conduzi-lo a um catastrófico desfecho.

A *Dama de Shalott* (quadro de J. W. Waterhouse)

Amor fatal
Uma das muitas mulheres que se apaixonaram por Lancelote e não foram correspondidas, Elaine de Astolat, a Dama de Shalott, morreu de tristeza.



"O rei Artur não poderia ter encontrado uma esposa melhor", Lancelote suspirava consigo mesmo.

Guiado por anjos – *Sir Galahad* (quadro de Arthur Hughes)

O cavaleiro perfeito
Galahad era filho de Lancelote do Lago e Elaine de Carbonek. A união de seus pais resultou de uma trama que levara Lancelote a deitar-se com Elaine pensando que estava com Guinevere. Tão logo nasceu, Galahad foi confiado às freiras de um convento, que o criaram como um cristão exemplar, requisito essencial de um cavaleiro perfeito.

O lugar de Galahad
Desde a criação da Távola Redonda, um lugar permaneceu vazio: a Cadeira do Perigo, reservada ao mais puro dos cavaleiros. Na ilustração de Walter Crane, Galahad se aproxima do lugar que por direito lhe pertencia (no primeiro plano), acompanhado de Nascien.

Capítulo 5

O SANTO GRAAL

CADA VEZ MAIS apaixonado por Guinevere, sir Lancelote agora vivia tenso, irritava-se com qualquer coisa e não fazia o menor esforço para esconder a impaciência. Seu estado de espírito logo contagiou os outros cavaleiros, que sempre seguiam seu exemplo. E assim o caloroso companheirismo da Távola Redonda começou a dissolver-se em brigas e discussões mesquinhas.

Ao perceber a situação, Artur resolveu dar um grande banquete de confraternização para que os laços de amizade entre seus guerreiros se renovassem. A festa estava prestes a iniciar-se quando um criado entrou correndo no salão. "Majestade, uma coisa maravilhosa apareceu lá fora!", ele anunciou, quase sem fôlego.

Imediatamente o rei e todos os cavaleiros se dirigiram para a beira do rio, e no meio da água viram um grande bloco de mármore vermelho, com uma espada fincada no topo. De repente o bloco se libertou da correnteza e aproximou-se da margem. Artur não esperou um segundo para entrar no rio e puxar a pedra vermelha para terra firme.

"A espada tem uma inscrição", informou. "SÓ O MELHOR CAVALEIRO DO MUNDO CONSEGUIRÁ ME TIRAR DAQUI", leu em voz alta. "Tal cavaleiro só pode ser você, amigo!", disse a Lancelote.

"Majestade, eu não..."

"Estou mandando!"

Todos ficaram em silêncio. Sir Lancelote se debruçou sobre o bloco de mármore, agarrou a espada e puxou-a, mas não conseguiu sequer movê-la. O silêncio cresceu ainda mais.

"Tente de novo", Artur ordenou.

Aproximou-se então um velho eremita chamado Nascien. A seu lado vinha um jovem de belas feições e semblante sereno. Lancelote empalideceu e, com os olhos fixos no recém-chegado, afastou-se para lhe dar lugar. O jovem pôs o pé sobre o bloco de mármore e com toda a facilidade arrancou a espada da pedra.

"Santo Deus!", o rei exclamou. "Você é o melhor cavaleiro do mundo! E eu não sei como se chama!"

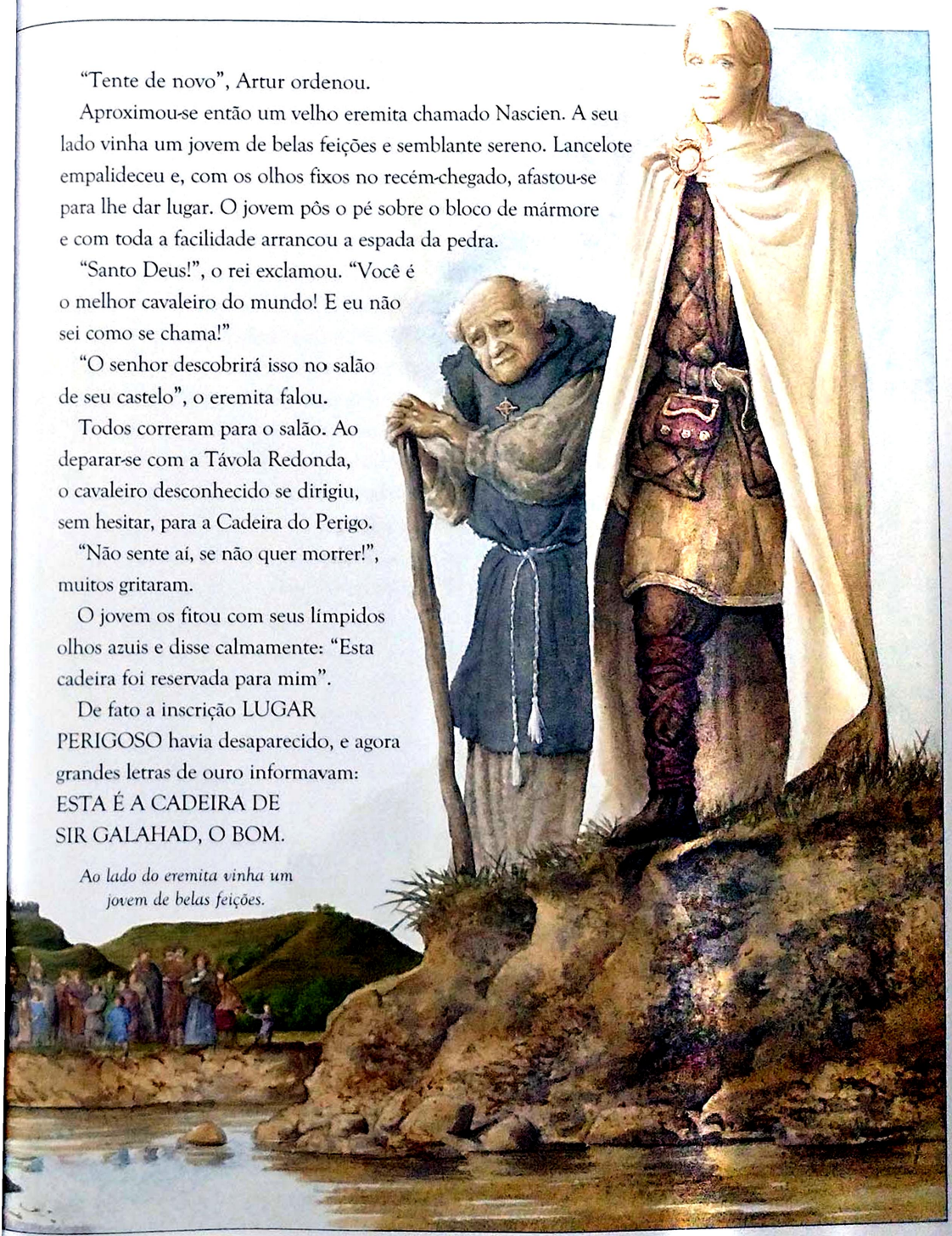
"O senhor descobrirá isso no salão de seu castelo", o eremita falou.

Todos correram para o salão. Ao deparar-se com a Távola Redonda, o cavaleiro desconhecido se dirigiu, sem hesitar, para a Cadeira do Perigo.

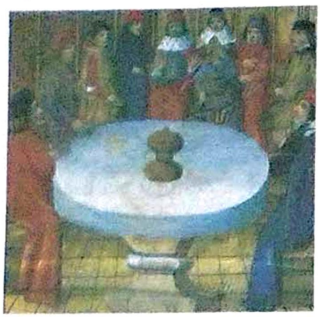
"Não sente aí, se não quer morrer!", muitos gritaram.

O jovem os fitou com seus límpidos olhos azuis e disse calmamente: "Esta cadeira foi reservada para mim".

De fato a inscrição LUGAR PERIGOSO havia desaparecido, e agora grandes letras de ouro informavam: ESTA É A CADEIRA DE SIR GALAHAD, O BOM.



Ao lado do eremita vinha um jovem de belas feições.



O supremo desafio
A procura do Santo Graal representava a renúncia à glória terrena e a busca da perfeição espiritual. Foi esse desafio supremo que o cálice sagrado propôs a Artur e seus cavaleiros quando lhes apareceu sob a forma de uma luz intensa.

O castelo invisível
O Santo Graal estava guardado no castelo de Carbonek, onde morava o rei Pelles. Gawain sabia disso, mas ignorava a localização do castelo, que um mágico chamado Tanaburs tornara invisível; só os cavaleiros de grande valor espiritual podiam avistá-lo.

Assim o bom sir Galahad ocupou o lugar que por direito lhe pertencia. O rei e os outros cavaleiros também sentaram e, enquanto esperavam que os criados os servissem, olhavam para o novo membro da Távola Redonda, ansiosos para testá-lo com muitas perguntas.

Antes, porém, que qualquer um deles pudesse abrir a boca, um trovão ensurdecedor abalou de alto a baixo as paredes do castelo.

Quando o barulho cessou, Artur e seus homens viram uma luz radiosa como o sol da manhã iluminar o salão, a princípio suavemente, depois com crescente intensidade. Era como uma promessa ou um segredo; uma dádiva que estava além do entendimento, transportada pelos anjos, escondida sob as dobras brancas de uma seda reluzente.

Brilhando cada vez mais, a luz atingiu um grau de beleza quase insuportável. Então, apagou-se, pouco a pouco, até desaparecer por completo, deixando atrás de si um profundo silêncio e uma imensa paz.

"O que foi que nós vimos?", o rei Artur murmurou. "Quem pode explicar isso?"

Os cavaleiros estavam tão admirados que não conseguiram dizer uma só palavra. Alguns momentos se passaram até que sir Gawain, ainda trêmulo, falou: "Majestade, creio que vimos o Santo Graal. Dizem que Jesus Cristo bebeu desse cálice de ouro na Última Ceia e que ele contém algumas gotas de seu sangue sagrado. Dizem também que o Graal pode operar milagres, curando doentes e consolando aflitos apenas com sua luz".

"E onde se encontra o Graal?", Artur perguntou.

"Num castelo chamado Carbonek, que fica numa cidade com o mesmo nome", Gawain respondeu. "Mas ninguém sabe onde é esse lugar."

O cavaleiro correu os olhos pela Távola Redonda e

fixou-os novamente no rosto atônito do soberano. "Agora que vislumbrei o Santo Graal, preciso procurá-lo. Majestade, imploro sua permissão e sua bênção para partir nessa procura!"

Mal acabou de falar, todos os seus pares se ergueram, dizendo um após o outro: "Eu também, senhor, peço que me deixe partir!".

Artur precisou dar um murro na mesa para acabar com o vozerio.

"Se todos forem procurar o Santo Graal, meu reino ficará indefeso", argumentou. "Por que isso tinha de acontecer justamente no dia em que sir Galahad veio completar a Távola Redonda?", murmurou, pensativo, como se falasse consigo mesmo. "No entanto... parece que foi Deus que nos mandou essa visão... Ah, se vocês conseguissem achar o Santo Graal... seria muito bom para nosso povo! E a glória deste reino não teria fim!"

A luz atingiu um grau de beleza quase insuportável.

José de Arimateia

Segundo a lenda foi José de Arimateia, um discípulo de Jesus, que levou o Santo Graal para a Inglaterra, juntamente com outras relíquias sagradas, como a lança com que um soldado romano chamado Longino teria ferido Cristo na cruz.

O vaso de Glastonbury, c. 250 a.C.

Um velho mito

A busca do Santo Graal originou-se nos mitos celtas sobre um caldeirão mágico que fornecia alimento inesgotável, curava feridas e até ressuscitava os mortos. Vasos como o de Glastonbury eram usados nos rituais pré-cristãos.

Confissão e penitência
Lancelote partiu à procura do Santo Graal com grande esperança de encontrá-lo, mas pouco a pouco compreendeu que estava fadado ao fracasso, por causa de seu amor pecaminoso por Guinevere. Para tornar-se digno aos olhos de Deus, ele foi ter com o eremita Nascien e lhe confessou seus pecados (acima). Sua penitência consistia em jejuar, rezar e usar cilício, um cordão áspero que feria a pele.

Proibição celeste
Depois de se esforçar ao máximo para se purificar do pecado, Lancelote chegou enfim ao castelo de Carbonek e conseguiu ver o Graal. Mas ignorou a proibição celeste de aproximar-se da relíquia e foi derrubado por um raio (à esquerda, no quadro abaixo).

Na manhã seguinte os cavaleiros se enfileiraram diante dos muros de Camelot. Envergando armadura completa, montados altivamente em seus cavalos, pareciam prestes a partir para uma guerra. Agora, porém, a missão era infinitamente mais nobre: encontrar uma das relíquias mais sagradas da cristandade e entregá-la a seu soberano.

Artur não cabia em si de alegria ao despedir-se de seus valorosos guerreiros. Mas, ao olhar para Guinevere e ver seu belo rosto banhado de lágrimas, um mau pressentimento apertou-lhe o coração.

Passaram-se dias, meses, anos. A procura parecia não ter fim.

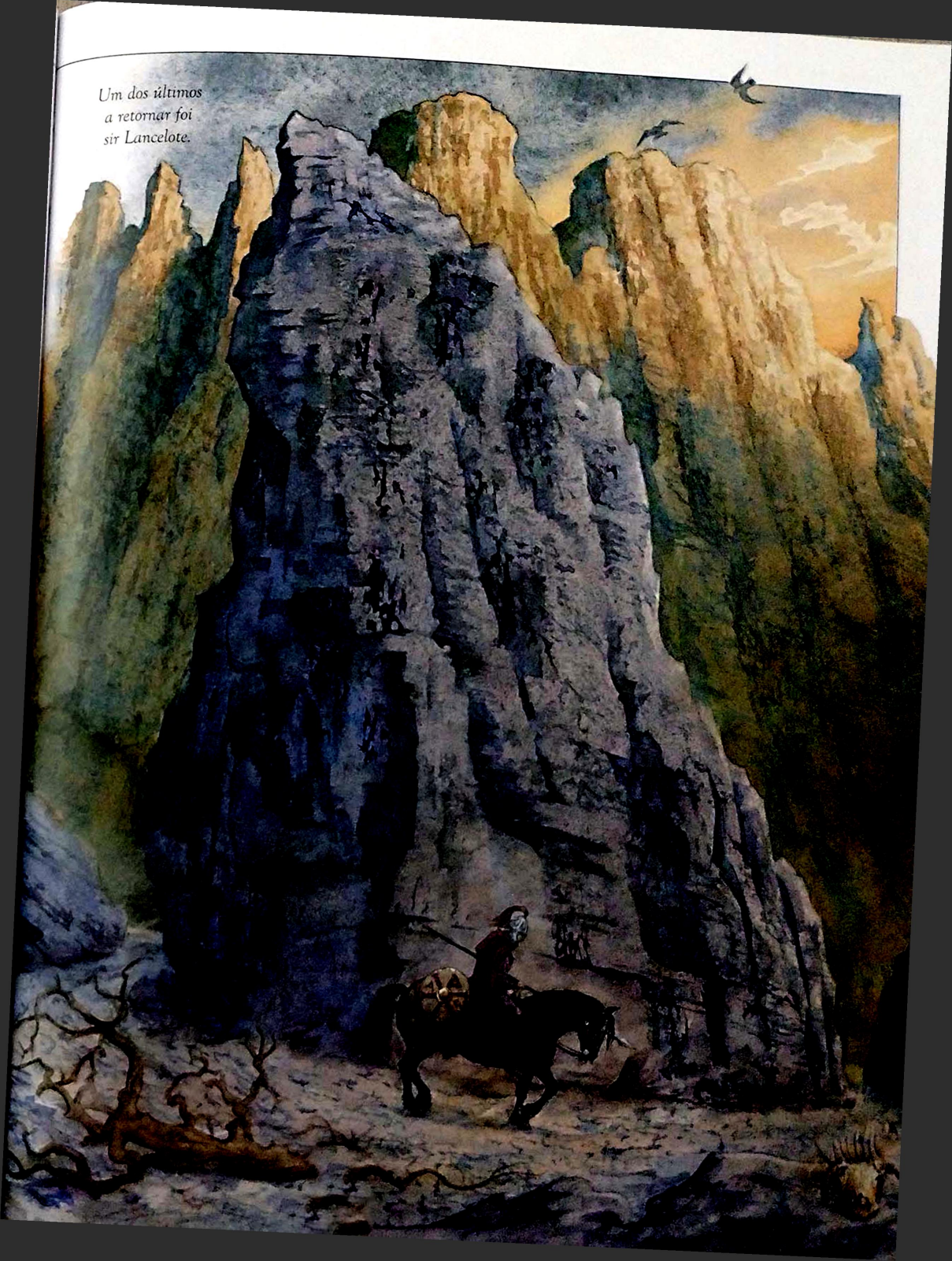
Durante a longa espera Artur constantemente recebia notícias alarmantes de intrigas, crimes e rebeliões que ocorriam nos pontos mais remotos do reino. Os soldados que enviava para restabelecer a ordem e a paz bem que se esforçavam, mas não tinham a autoridade dos integrantes da Távola Redonda.

Finalmente, um dia os cavaleiros começaram a voltar, porém de mãos vazias e semblante triste. Haviam fracassado em sua missão. Viajaram centenas de quilômetros, percorrendo extensos ermos e florestas inóspitas, e nem sequer vislumbraram o Graal. Muitos deles morreram nessa busca.

Um dos últimos a retornar foi sir Lancelote. Depois de cumprimentar o soberano com a voz entrecortada, evitando fitá-lo nos olhos, ele lhe contou uma estranha história de sonhos e aparições. Disse-lhe que tinha visto o Santo Graal e até se aproximara da sagrada relíquia, mas, antes que pudesse tocá-la, um raio o derrubou. "Foi por causa de meu pecado", explicou, cabisbaixo.

A rainha Guinevere conhecia muito bem esse pecado e afastou-se, envergonhada.

O rei Artur ouviu tudo atento, enquanto pensamentos terríveis fervilhavam em sua mente e a dor tomava conta de seu coração.



Um dos últimos a retornar foi sir Lancelote.

O Rei Pescador

Pelles, o guardião do Graal, descendia de José de Arimateia e recebeu o nome de Rei Pescador porque seu antecessor, Bron, certa vez alimentara o povo com peixes tirados do Graal. Algumas versões dizem que Pelles foi ferido por uma lança sagrada; as terras próximas ao castelo se tornaram estéreis, e o Graal desapareceu; só o cavaleiro que o recuperasse poderia curar o Rei Pescador.

Nos meses seguintes os últimos sobreviventes da longa procura regressaram a Camelot e retomaram os afazeres habituais, realizando muitas façanhas para proteger seu povo.

Um dia, quando estavam reunidos com Artur e Guinevere, ouviram uma batida na porta do castelo. Um instante depois um cavaleiro de barba branca entrou no salão. Ninguém o reconheceu.

"Majestade, não se lembra de mim?", o recém-chegado perguntou.

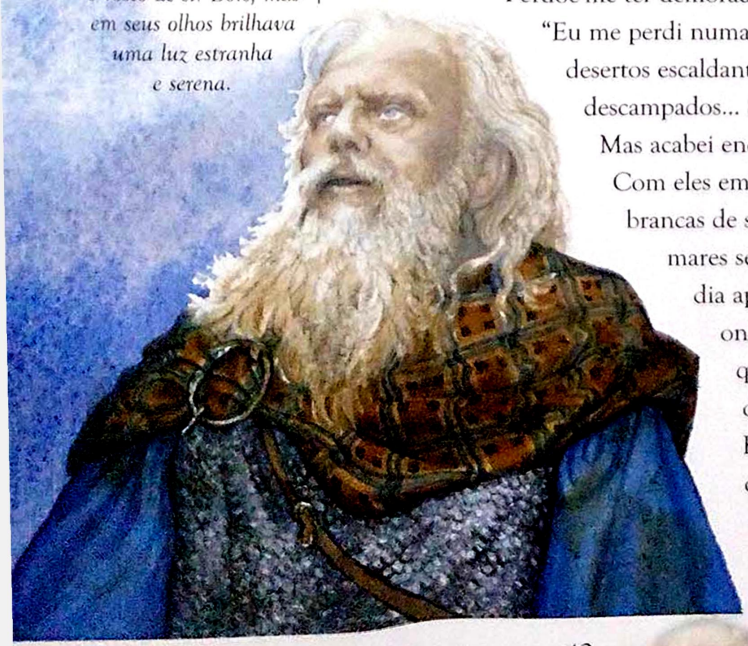
"Sir Bors!", Artur exclamou, estupefato. "Seja bem-vindo! Pensamos que tivesse morrido!"

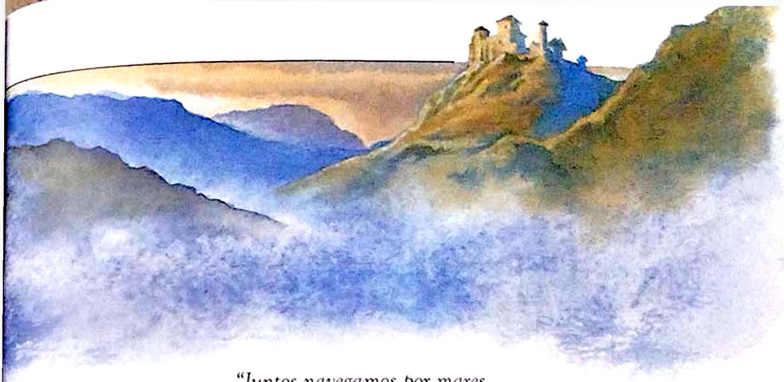
O bom cavaleiro sorriu. Os anos haviam juncado seu rosto de profundas rugas, mas em seus olhos brilhava uma luz estranha e serena.

"Perdoe-me ter demorado tanto, senhor meu rei", ele falou. "Eu me perdi numa viagem extraordinária. Atravessei desertos escaldantes, imensidões geladas, grandes descampados... Sobrevivi a horrores inenarráveis! Mas acabei encontrando sir Galahad e sir Percival. Com eles embarquei num navio que tinha velas brancas de seda pura, e juntos navegamos por mares sem fim, envoltos em brumas. Um dia aportamos numa terra desconhecida, onde caminhamos quilômetros e quilômetros até nos depararmos com o fabuloso castelo de Carbonek. E lá... finalmente... achamos... o Santo Graal!"

O rei e seus cavaleiros ficaram mudos de admiração.

Os anos haviam juncado de rugas o rosto de sir Bors, mas em seus olhos brilhava uma luz estranha e serena.





"Juntos navegamos por mares sem fim, envoltos em brumas."

"Amigos, esse tesouro é tudo o que sonhamos e muito, muito mais", sir Bors continuou. "Vê-lo é como contemplar a luz pura do sol, provar o gosto do mel no próprio favo, aspirar o perfume de todas as flores. É sentir a plenitude do amor, da paz, da harmonia. É a perfeita felicidade!"

"Mostre-nos logo essa maravilha!", o rei ordenou.

Sir Bors sorriu placidamente e explicou: "Majestade, não tivemos escolha, concluímos a procura segundo a vontade de Deus. Ele nos fez levar o Graal para um reino distante, onde a luz do cálice sagrado conferiu a sir Galahad o dom de realizar milagres maravilhosos demais para serem relatados. Depois o santo cavaleiro morreu. Agora deve estar no céu, com sir Percival a seu lado".

"Mas onde está o Graal?", Artur perguntou, impaciente.

"Está sob a guarda de outro santo, um homem chamado Rei Pescador", Bors respondeu e, após uma breve hesitação, informou: "Ele não nos deixou trazê-lo. Disse que a Inglaterra não o merece. Disse que nosso amado reino está muito cheio de... pecados."

Artur correu os olhos pela Távola Redonda. Guinevere escondia o rosto com as mãos. Os cavaleiros balançavam a cabeça, consternados com o que haviam acabado de ouvir.

Mas um deles estava exultante, embora se mostrasse tão desolado quanto os outros. Era sir Mordred, que desde muito tempo sonhava apoderar-se da coroa de Artur. Intimamente, celebrava o fracasso: o rei, apesar de tantos esforços, não conseguira conquistar sua maior glória. Sir Mordred mal podia esperar para contar a novidade a sua cúmplice, a perversa Fada Morgana.

Detalhe de *A busca do Santo Graal* (quadro de Edward Burne-Jones)

O fim da procura

Quando Galahad, Percival e Bors chegaram ao castelo de Carbonek, anjos desceram do céu com o Graal, do qual Cristo retirou alimento para dar de comer aos cavaleiros. Galahad curou o Rei Pescador e pouco depois morreu. Percival entrou para um mosteiro, junto com Bors, mas logo foi fazer companhia a Galahad no céu.

Sir Mordred estava exultante, embora se mostrasse desolado.

Guampa

Teste de fraqueza

A guampa era um chifre usado como copo. Em vez de testar a bravura ou a lealdade dos cavaleiros, a guampa que Morgana enviou a Artur detectava fraquezas num setor inesperado: entre as damas da corte.

Escudo celta

Imagens diversas

Os desenhos que adornavam os escudos identificavam os cavaleiros em luta. Morgana, porém, concebeu uma pintura que sugeria um triângulo amoroso.

Capítulo 6

O FIM DA TÁVOLA REDONDA

NO MESMO DIA em que sir Bors retornou a Camelot, sir Mordred escreveu uma carta à Fada Morgana: "O rei está enfraquecido pelo desespero. Chegou a hora de agir!".

Mal leu essas palavras, Morgana foi até o baú onde guardava seus utensílios de feiticeira. Dali tirou uma guampa adornada de ouro. Embrulhou-a cuidadosamente, juntou-lhe uma carta e enviou-a ao irmão.

Artur estava reunido com seus cavaleiros quando um criado lhe entregou o pacote.

"Foi minha irmã, a Fada Morgana, quem mandou este presente", o soberano explicou assim que leu a carta. "Ela diz que se trata de uma guampa encantada, capaz de indicar se uma dama é fiel ao marido. E me aconselha a convidar nossas esposas a tomarem desta guampa, pois, se alguma derramar o vinho, com certeza tem um amante."

Todos baixaram a cabeça, apreensivos.

Evitando o olhar do rei, sir Lancelote se levantou e disse: "Majestade, já que não sou casado e, portanto, nada tenho a perder, posso falar com absoluta isenção de ânimo. Todos nós sabemos que a irmã do senhor é uma feiticeira da pior espécie. Por favor, não permita que ela denigra a reputação das damas de Camelot com esse truque barato!".

"Sábias palavras", o rei respondeu, ordenando que o criado jogasse a guampa no fogo.

Ao tomar conhecimento desse fato, Morgana procurou os ferreiros da montanha e lhes encomendou um escudo para enviar a seu irmão. "Na parte da frente, pintem a figura de um cavaleiro levantando o pé sobre a cabeça de um rei e uma rainha", ordenou.

Quando recebeu o escudo, Artur o contemplou durante um bom tempo. Depois o mostrou para seus guerreiros, perguntando-lhes o que aquela imagem inquietante poderia significar.

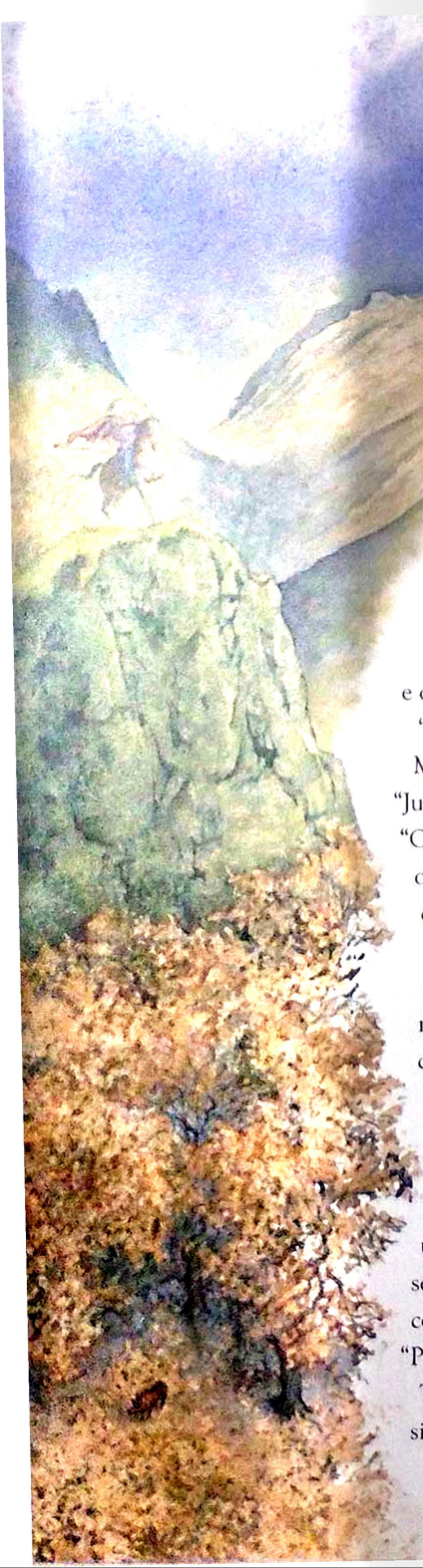
Sir Mordred se encarregou da resposta: "Majestade, está claro que o rei representa o senhor, e a rainha, sua esposa. Quanto ao cavaleiro, trata-se de alguém que tem poder sobre ambos". Fez uma pausa e então despejou mais veneno: "Desculpe, Majestade, mas só o senhor não percebeu que o cavaleiro dessa pintura é sir Lancelote e que o poder dele se deve ao caso que há tempos vem tendo com a rainha".

Artur se levantou de um salto e gritou, enfurecido: "Mentiroso! Como se atreve a acusar sir Lancelote de tamanha traição? Pois terá de enfrentá-lo numa luta de vida ou morte!".

Sem se abalar, sir Mordred replicou: "Ora, Majestade, sabemos todos que sir Lancelote é invencível. Tenha um pouco de paciência: logo provarei que falei a verdade".

Vitória do justo
Geralmente os cavaleiros resolviam suas questões de honra lutando entre si, e acreditava-se que o vencedor era o que tinha razão. Mordred não se arriscou a enfrentar o imbatível Lancelote.

Morgana procurou os ferreiros da montanha e lhes encomendou um escudo.



Artur estava bastante animado quando retornou.

Poucos dias depois o rei Artur foi caçar numa floresta distante e passou a noite fora. Muitos amigos o acompanharam, mas Lancelote ficou no castelo. Sir Mordred e doze cavaleiros tão falsos quanto ele, que nutriam o mesmo ódio pelo soberano, também permaneceram em Camelot.

Artur estava bastante animado quando retornou. Ao transpor os portões de seu castelo, esperava que Guinevere lhe desse as boas-vindas, mas quem saiu das sombras para recebê-lo foi sir Mordred. "Majestade, infelizmente tenho uma péssima notícia!", o traidor anunciou.

Sem perda de tempo o rei o conduziu para a Távola Redonda e chamou os outros cavaleiros para servirem de testemunhas.

"Fale", ordenou friamente.

Mordred pousou a mão sobre a Bíblia que estava em cima da mesa. "Juro que tudo o que vou dizer é verdade", declarou solenemente. "Ontem à noite doze companheiros e eu fomos vigiar sir Lancelote e o surpreendemos em flagrante delito. Aproveitando-se da ausência de Vossa Majestade, ele foi aos aposentos da rainha!"

"Prossiga!", disse Artur.

"Eu o desafiei a sair de lá e confessar sua falta. Mas Lancelote recorreu a um sórdido estratagema para matar todos os meus companheiros. Aniquilou doze de seus bons cavaleiros, Majestade! Inclusive sir Agravain, o sobrinho do senhor!"

Profundamente chocado, o rei apoiou a cabeça numa das mãos e suspirou: "Fui traído pelas duas pessoas que mais amava! Santo Deus, ninguém no mundo pode ter sentido um dia a dor que está me dilacerando agora! Meu reino vai se dividir... e meu casamento...". Artur se aprumou na cadeira, como se estivesse arrependido de sua demonstração de fraqueza. "Preciso fazer alguma coisa. Já! O que sugerem?"

Todos desviaram o olhar. Mordred, porém, apresentou sua sinistra sugestão: "O senhor deve punir Lancelote e também

a rainha, pois ela o deixou entrar em seus aposentos. A infidelidade de Guinevere é uma traição contra o senhor!".

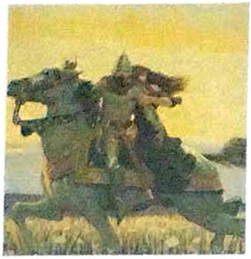
Por um breve momento Artur hesitou. "A lei prescreve a morte na fogueira para a mulher que comete traição", declarou, depois de respirar fundo. "E, quando um cavaleiro ofende seu próprio soberano, não há dúvida de que a guerra entre eles é a única saída. Preciso vingar o assassinato de meus homens. Sei que alguns de vocês hão de querer lutar ao lado de Lancelote. Todos aqui são livres para tomar suas decisões. E, como sempre, serei grato a quem se mantiver leal a mim."

Artur se levantou. Sua figura imponente infundia respeito e admiração, porém sua voz tremeu quando ele disse: "Farei o que devo fazer. Mas a idade de ouro chegou ao fim. E o companheirismo da Távola Redonda se acabou para sempre".

Desejo de vingança
Quando Mordred era ainda bebê, Artur o jogou no mar, porém o menino miraculosamente se salvou. Anos depois, arrependido da crueldade que cometera, Artur o recebeu de braços abertos em Camelot. No entanto, era tarde demais: Mordred já estava obcecado pelo desejo de vingança e logo ameaçaria o trono de Artur, cumprindo a velha profecia de Merlim.

A adaga simboliza traição (exemplar celta do século I)

Treze contra um
Quando Mordred e seus doze companheiros o surpreenderam nos aposentos de Guinevere, Lancelote estava sem armadura e tinha apenas uma espada. Habilmente ele fez um dos cavaleiros entrar no quarto, matou-o e usou sua armadura para enfrentar os demais. Apenas Mordred conseguiu escapar do massacre.



Uma figura trágica
Dividido entre o amor à rainha, a lealdade ao rei e o temor a Deus, Lancelote é uma figura trágica. A ilustração de N. C. Wyeth o mostra fugindo com Guinevere para a Guarda Jubilosa, depois de arriscar a própria vida para salvá-la.

Ao tomar conhecimento de sua condenação, Guinevere se despojou de suas joias, tirou o belo manto e, descalça como uma eremita, deixou-se conduzir para o cárcere. Lá ficou, sentada contra a parede, sem falar com ninguém, aguardando o dia da execução.

Artur jamais pensara que um dia teria de decretar a morte de sua própria esposa. Com o coração despedaçado, precisou reunir todas as forças para cumprir a missão mais difícil de sua vida.

"Depois de sir Lancelote, você sempre foi meu cavaleiro mais fiel", disse a sir Gawain. "Quero que conduza a rainha até a fogueira."

Sir Gawain, no entanto, balançou a cabeça negativamente. "Perdão, Majestade, mas não posso fazer isso. Amo a rainha como se fosse minha irmã, e sir Lancelote sempre me tratou com respeito e me honrou com sua confiança. Por favor, eu lhe imploro que pratique os ensinamentos de Cristo e os perdoe. Nada de bom resultará dessa punição."

Os irmãos mortos
Gaheris e Gareth eram irmãos de Gawain e Agravain e sobrinhos de Artur por parte de mãe. Gawain perdoou Lancelote quando ele matou o cruel Agravain, mas jurou vingar a morte de Gaheris e Gareth, nem que para isso precisasse provocar uma guerra.

"No dia em que assumi o trono, jurei que sempre cumpriria a lei", Artur respondeu. "Você sabe que eu preferiria morrer a executar esse castigo. Mas a lei me obriga a agir assim, pelo bem de meu reino."

Diante da recusa de Gawain o soberano tentou confiar a triste missão a outros cavaleiros. Apenas Mordred a aceitou.

Chegou por fim o dia da execução. Um céu cinzento prometia tempestade, e soprava um vento constante. Centenas de pessoas se reuniram para assistir ao tétrico espetáculo. Conduzida por sir Mordred, a rainha se dirigiu para o local do suplício. Vestia uma singela túnica branca e caminhava de cabeça erguida, o rosto pálido como a lua, os cabelos cor de cobre ondulando ao vento.

De repente sir Lancelote apareceu, de espada em punho, esporeando seu cavalo. Numerosos cavaleiros correram ao encontro dele, alguns para atacá-lo, outros para defendê-lo. Pensando unicamente em salvar Guinevere, ele se pôs a desferir golpes a torto e a direito, em adversários e aliados. Assim matou muitos homens, entre os quais seus bons amigos Gaheris e Gareth, irmãos de sir Gawain.

Enquanto a multidão se dispersava, apavorada, Lancelote libertou a rainha, cobriu-a com uma capa e a fez montar em seu cavalo. Depois, soltando um grito de triunfo, partiu com ela para sua fortaleza, um castelo distante chamado Guarda Jubilosa.

Guarda Jubilosa

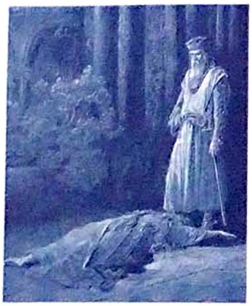
O castelo de Lancelote originalmente chamava-se Guarda Dolorosa; quando o Cavaleiro do Lago o libertou de um sortilégio, deu-lhe o nome de Guarda Jubilosa. A lenda o situa em Bamburgh, na costa de Northumberland, Nordeste da Inglaterra, mas o castelo que lá se encontra é bem posterior à época do rei Artur.

Fogo purificador

Durante mais de mil anos a morte na fogueira foi um castigo comumente aplicado a pessoas que cometiam ou traição ou delitos graves contra a religião cristã, como a prática de feitiçaria. Os cristãos acreditavam que as chamas "purificavam" a vítima.

Lancelote se pôs a desferir golpes a torto e a direito, em adversários e aliados.

O poder papal
O papa, como chefe da Igreja católica, tinha imenso poder, inclusive para acabar com uma guerra. Por isso Artur e Lancelote não hesitaram em cumprir suas ordens.



O último encontro
Esta ilustração do século XIX, de Gustave Doré, mostra Guinevere prostrada aos pés de Artur, implorando seu perdão. Depois disso ela entrou para o convento e nunca mais viu o rei.

Só para mulheres
Guinevere quis entrar para um convento porque se desiludiu dos homens, mas muitas mulheres faziam isso por sempre terem querido dedicar-se a Deus. Os conventos de freiras eram administrados por mulheres.

O reino estava agora dividido ao meio, pois somente metade dos cavaleiros permaneceu em Camelot. Os demais rumaram para o castelo da Guarda Jubilosa, onde juraram lealdade a Lancelote e inimizade a Artur.

Os dois lados se prepararam para a guerra e não tardaram a engalfinhar-se numa luta sangrenta. A paz de tantos anos sobrevivia apenas na lembrança.

Antes, porém, que se definissem vencedores e vencidos, um emissário do papa desembarcou na Inglaterra e procurou os dois chefes inimigos para lhes ordenar que depusessem as armas. Além disso, Lancelote deveria devolver Guinevere a seu legítimo marido. O rei e o cavaleiro rebelde obedeceram sem discutir, mas seus soldados protestaram, pois queriam continuar lutando.

No dia em que Lancelote reconduziu Guinevere a Camelot, cumprindo a determinação do sumo pontífice, o povo lotou as ruas para saudá-lo. Quando Guinevere subiu a colina do castelo, Artur saiu para recebê-la e, estendendo-lhe as mãos, ajudou-a a apear do cavalo. Por um bom momento o rei e a rainha se fitaram nos olhos. Ela então se afastou e disse: "Você sempre foi meu único amor. Suplico-lhe que acredite em mim!".

"Vamos entrar", ele respondeu.

Guinevere, contudo, balançou a cabeça. "Agora é tarde demais", suspirou. "Estou cansada desse jogo da corte! Não suporto mais tanta inveja, tanta intriga! Vocês, homens, vivem procurando pretexto para lutar e pensam que podem dispor das mulheres a seu bel-prazer, como se nós fôssemos bonecas sem vontade própria e sem sentimentos! O que foi feito daquele código de honra e respeito que você e todos os seus cavaleiros juraram seguir?"

Ao dizer isso, ela tirou a aliança do dedo e jogou-a no chão. "Não sou mais sua rainha. Não sou esposa nem amante de homem nenhum", declarou. "Vou entrar para o convento. A partir de hoje meu coração pertence unicamente a Deus."

Os últimos vestígios de esperança e alegria desapareceram do rosto de Artur. Nesse momento, Lancelote ajoelhou-se aos pés do soberano. "Majestade, perdoe-me!", pediu. Endurecido por todo o sofrimento que vinha suportando, Artur lhe ordenou: "Levante-se

Guinevere tirou a aliança do dedo e jogou-a no chão.

"A partir de hoje meu coração pertence unicamente a Deus."

e vá embora deste país para sempre! Deixe-me salvar meu pobre reino despedaçado".

Lancelote baixou a cabeça e se afastou, seguido por muitos cavaleiros. Depois partiu para a França, e nunca mais Artur soube dele. A paz voltou a reinar na Inglaterra, porém não por muito tempo. Sir Gawain, transtornado pela dor, não se cansava de dizer ao rei: "O senhor viu com seus próprios olhos Lancelote matar meus queridos irmãos quando foi salvar a rainha da fogueira. Lembre-se, Majestade, o senhor é nosso tio! Tem o dever de me ajudar em minha vingança!".

Sir Gawain era apoiado pelo maligno sir Mordred e por muitos cavaleiros receosos de que o rei se entregasse à tristeza e cruzasse os braços para sempre. Artur dedicou ao assunto muitas noites solitárias, chegando enfim a uma triste conclusão: a honra o obrigava a armar um grande exército e ir lutar contra Lancelote na França.

Questão de honra

Vingar o assassinato de um parente era uma questão de honra. Assim, quando Lancelote impensadamente matou Gaheris e Gareth, sobrinhos de Artur (interpretado acima por Richard Harris, no filme Camelot), o rei não teve outra saída senão declarar guerra contra o Cavaleiro do Lago.

Antes de ir guerrear em solo estrangeiro, todo soberano tinha de nomear um regente para cuidar do reino em sua ausência. Artur sabia muito bem disso, e pensou que podia aproveitar a oportunidade para livrar-se, ao menos por algum tempo, do homem que mais o desagradava na corte. Assim, transmitiu o poder provisoriamente a sir Mordred.

Quando soube que o cavaleiro intrigante assumira o governo do país, a Fada Morgana partiu às pressas para Camelot. "Case-se comigo", ela propôs ao regente. Mordred, no entanto, já não precisava de suas feitiçarias e rechaçou-a sem pestanejar. Furiosa, Morgana se enclausurou em seu castelo tenebroso e jurou a si mesma que, quando destruísse o irmão, destruiria também o antigo cúmplice.

Vários meses transcorreram. Mordred se pôs a espalhar boatos maldosos, até que a Inglaterra inteira acabou acreditando que Lancelote vencera a guerra e Artur fora morto em combate. Então Mordred deixou de ser regente para se tornar rei. Deslumbrado com o poder, passou a oprimir o povo com extrema crueldade.

A notícia de seus atos desumanos logo chegou à França – e aos ouvidos de Artur. A luta nos campos franceses estava empatada desde o início. Ninguém, em nenhum dos dois exércitos, tinha coragem de matar um adversário que no passado recente fora seu amigo. Artur desejava ardentemente encontrar um pretexto para depor as armas e retornar a Camelot.

Mordred já não precisava das feitiçarias de Morgana e rechaçou-a sem pestanejar.

Assim, quando um mensageiro correu a seu acampamento para lhe contar que Mordred havia usurpado a coroa, Artur imediatamente ordenou a seus homens que se preparassem para partir. "O reino está em perigo, e nosso dever maior é salvá-lo", declarou.

A viagem de volta foi tranquila, mas, tão logo desembarcaram na costa inglesa, Artur e seus guerreiros se defrontaram com o exército de Mordred, que ali os esperava.

A Fada Morgana também estava presente na praia, só que ninguém sabia. Ela recorrera a seus poderes mágicos para transformar-se numa pedra escura e fria e, escondida entre as pedras verdadeiras, aguardava o momento oportuno para aniquilar o irmão.

Os dois exércitos travaram um rápido combate, que terminou com a vitória de Artur. Ansioso para pôr fim aos sofrimentos causados pela guerra, o bom monarca negociou a paz com o usurpador, oferecendo-lhe uma vasta extensão de terra fértil.

Depois se dirigiu às forças de ambos: "Não pode haver paz sem confiança. Por isso eu ordeno que ninguém puxe a espada enquanto estivermos no campo de batalha. Se algum de vocês me desobedecer, a confiança será abalada, e a mortandade recomeçará. É isso que vocês querem?".

"Não!", os homens gritaram em coro.

Artur e Mordred firmaram o tratado de paz. Grandes jarras de vinho circularam entre os soldados. Enquanto eles celebravam o fim do conflito, a Fada Morgana ria intimamente: chegara a hora tão esperada! Sibilando palavras diabólicas, ela tomou a forma de uma víbora venenosa e com essa aparência rastejou até o local do combate.

Ao ver aquela cobra peçonhenta com a língua para fora, pronta para dar seu bote fatal, um soldado instintivamente puxou a espada e a matou.

Morgana morreu com um grito de maligna alegria. Pois em seu fim se encontrava o fim de tudo.

Cobra

Símbolo do mal

Para praticar seu último ato perverso a Fada Morgana se transformou no animal que está mais associado à maldade na tradição cristã: a cobra.

Morgana assumiu a forma de uma víbora venenosa.

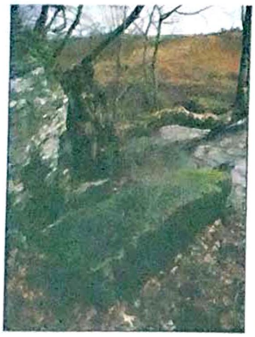
Capítulo 7

A ÚLTIMA BATALHA

ASSIM QUE O SOLDADO puxou a espada, o frágil tratado de paz se rompeu. A batalha recomeçou com toda a fúria e se estendeu até o entardecer, causando uma carnificina.

Apenas quatro homens sobreviveram: o rei Artur, dois de seus cavaleiros, sir Lucan e sir Bedivere, e o infame usurpador, Mordred.

O soberano correu os olhos pelos milhares de cadáveres que jaziam na praia. Mordred se aproximou, uma sombra escura na penumbra do crepúsculo.



O massacre final
Em algumas versões da lenda os exércitos de Artur e Mordred se defrontaram em Camlann, cuja localização se desconhece. Trata-se, talvez, da ponte do Massacre, sobre o rio Camel, na Cornualha. Dizem que o sangue da carnificina tingiu o rio de vermelho.

Artur cravou a espada no coração de Mordred.

Segurando a Excalibur, Artur sentiu-se impelido pela força sobrenatural da espada. A lembrança de suas incontáveis vitórias o fez retesar os músculos. Caminhou na direção do último inimigo e sem vacilar cravou-lhe a espada no coração. A Excalibur ainda brilhou na luz frouxa do anoitecer, antes que o sangue a manchasse.

Não se sabe de onde o vilão tirou forças para revidar o golpe. Mas o fato é que Mordred ergueu a espada, talvez com a ajuda do demônio, e numa pancada certeira despedaçou o elmo de Artur. Depois exalou o último suspiro, enquanto seu soberano caía na areia ensanguentado, mortalmente ferido.

Luta mortal
Na ilustração de Arthur Rackham, Mordred é traspassado pela lança de seu inimigo, mas ainda consegue reunir forças para golpeá-lo mortalmente com sua espada.

Ave de guerra
Segundo uma lenda da Cornualha, Artur se transformou em corvo depois que Mordred o feriu. Essa ave estava relacionada com a guerra.

Os dois cavaleiros se depararam com um lago envolto em brumas.

Oferendas
Os celtas costumavam jogar objetos preciosos nos lagos e nos rios, oferecendo-os aos deuses. Acima, ilustração de Arthur Wragg.

Capítulo 8

REI ONTEM, REI AMANHÃ

NINGUÉM poderia salvar Artur. Só a bainha mágica da Excalibur curaria o ferimento, mas ele a perdera. Sir Lucan e sir Bedivere ajoelharam-se a seu lado. "Nosso rei está morrendo", Lucan murmurou, enquanto Bedivere, desalentado, olhava para o soberano.

"Não... eu não estou morrendo", Artur replicou num fio de voz. "Ainda não... Levem-me... para a Grande Floresta. Procurem... a Senhora do Lago." Fraco demais para continuar falando, ele se calou.

Lucan e Bedivere se apressaram em fazer uma padiola com o que encontraram no campo de batalha. Depois deitaram nela o rei, cobriram-no com várias peles e se puseram a caminho da Grande Floresta. Quando chegaram a seu destino, a noite já havia caído, mas o luar intenso iluminava as veredas da mata. Tropeçando em raízes retorcidas, afundando os pés em montes de folhas mortas, os dois cavaleiros caminharam floresta adentro até se deparar com um lago envolto em brumas. Ali perto viram a cabana abandonada de um eremita e para lá levaram Artur.

Sempre falando com muita dificuldade, Artur ordenou: "Bedivere... pegue minha espada... Jogue-a no lago... Depois venha me dizer o que você viu".

O fiel cavaleiro pegou a Excalibur. Nunca havia posto as mãos numa espada tão preciosa. E resolveu escondê-la debaixo de uma árvore. "Seria um pecado dispor de tamanho tesouro", pensou.

Quando voltou à cabana, Artur lhe perguntou: "Fez o que mandei?".

"Sim, senhor."

"E o que você viu?"

"Nada, senhor. Apenas a água ondulada pelo vento."

"Então você me desobedeceu!", o rei exclamou. "Trate de cumprir minha ordem agora mesmo!"

Mais uma vez Bedivere foi até o lago. Mais uma vez admirou a beleza extraordinária da Excalibur. Mais uma vez escondeu a espada. E mais uma vez mentiu para seu soberano.

"Santo Deus! Se você não me obedecer, não haverá futuro...", Artur murmurou, quase sem forças. O mistério de suas palavras fez Bedivere levantar-se e ir de novo até o lago, agora para jogar a espada na água com toda a força.

Imediatamente emergiu um braço em meio ao redemoinho; a mão pegou a Excalibur e a brandiu três vezes. Então vozes cristalinas começaram a cantar por entre as brumas:

Traga-o para cá
Para ser curado!

O cavaleiro estremeceu e correu para a cabana.

Imediatamente emergiu um braço em meio ao redemoinho; a mão pegou a Excalibur e a brandiu três vezes.

"Depressa!", disse para Lucan. "Precisamos levar nosso rei até o lago!"

Seu companheiro se levantou prontamente, e, juntos, os dois homens carregaram a padiola até a beira da água. Um barco negro como a noite se aproximava, transportando nove damas. Todas estavam vestidas de preto e tinham na cabeça a coroa dourada de rainha. E cantavam em coro:

Tragam-no para cá
Para ser curado!

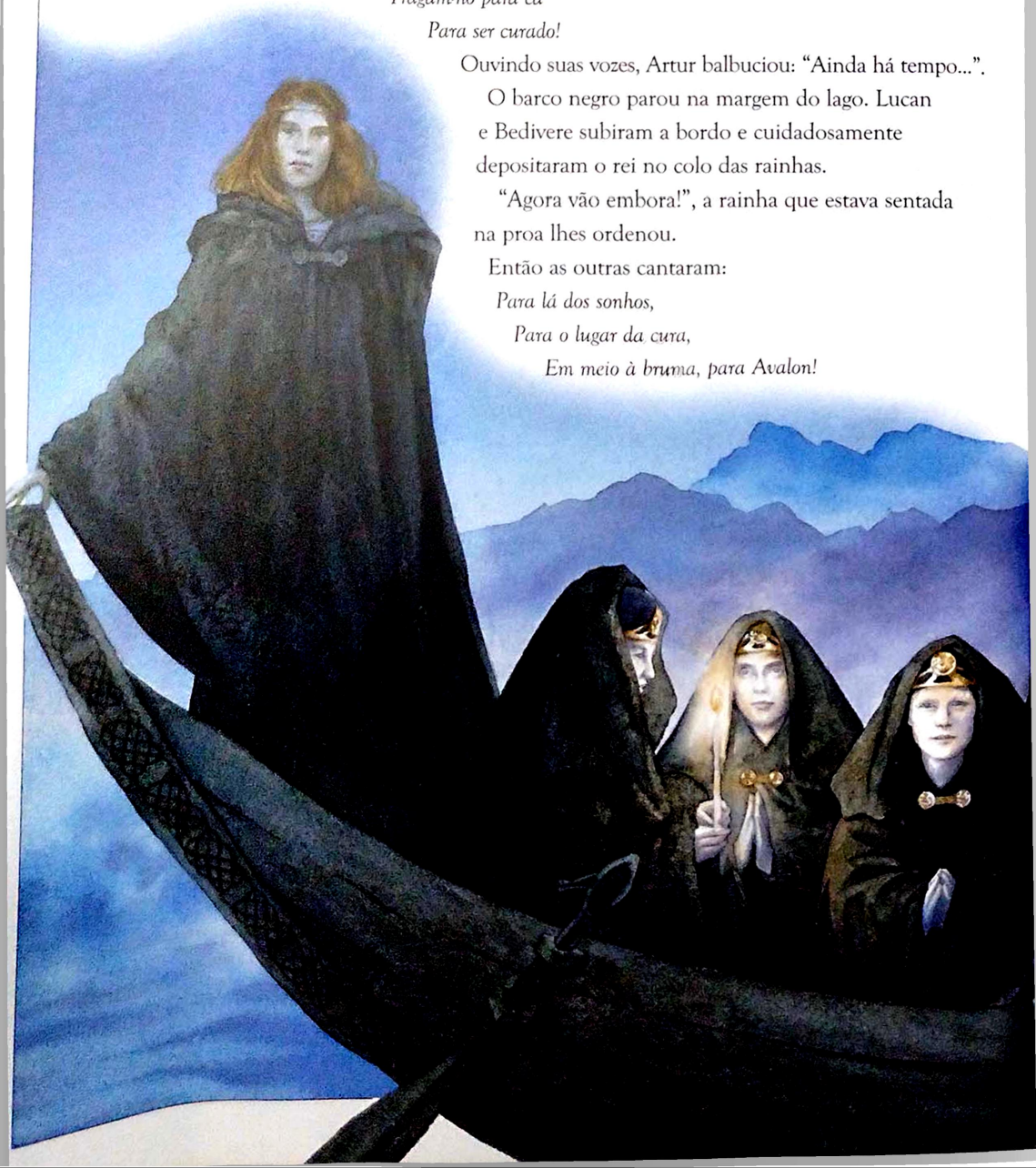
Ouvindo suas vozes, Artur balbuciou: "Ainda há tempo...".

O barco negro parou na margem do lago. Lucan e Bedivere subiram a bordo e cuidadosamente depositaram o rei no colo das rainhas.

"Agora vão embora!", a rainha que estava sentada na proa lhes ordenou.

Então as outras cantaram:

Para lá dos sonhos,
Para o lugar da cura,
Em meio à bruma, para Avalon!



Enquanto entoavam a suave cantiga, elas estenderam as mãos, brancas como a lua, e afastaram-se da margem. O barco não tinha remos, nem velas, mas uma força misteriosa o impelia.

"Esperem!", sir Bedivere gritou. "Digam-nos, por favor, se ele vai morrer."

As damas pararam de cantar. O silêncio caiu como o orvalho da manhã sobre as águas plácidas.

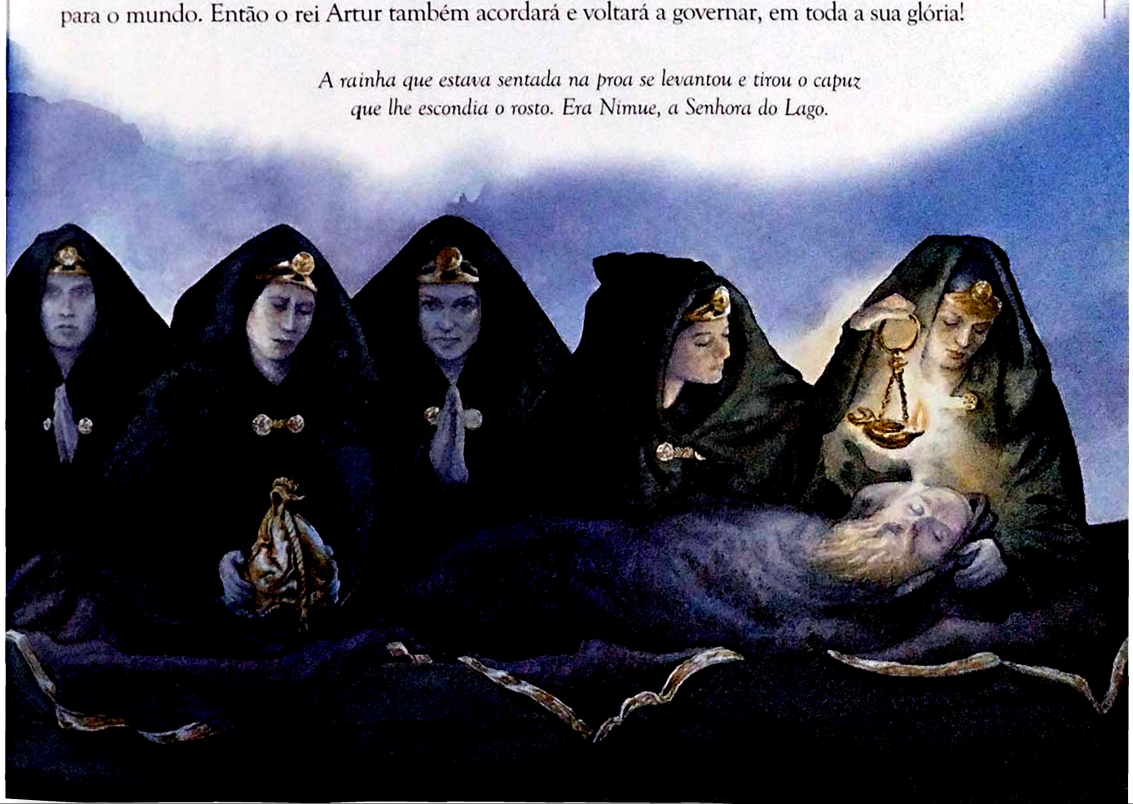
A rainha que estava sentada na proa se levantou e tirou o capuz que lhe escondia o rosto. Era Nimue, a Senhora do Lago.

"Artur nunca morrerá! Só vai dormir em paz, pelos séculos afora", ela declarou. "Todas as pessoas de bem devem rezar para que ele retorne. Pois Artur foi rei ontem e será rei amanhã!"

AVALON! Quem sabe onde se situa essa ilha distante, povoada por fadas e repleta de maçãs de ouro? Quem sabe quanto tempo Artur ficou lá, acalentado pelas rainhas da noite, que misturavam ervas mágicas para lhe devolver a essência de sua vida? E, depois que conseguiram revivê-lo, para onde elas o levaram? Onde repousa agora o grande monarca? Está seguro, no interior de uma profunda caverna, no coração de seu querido reino, dormindo e sempre esperando.

Pois chegará o dia em que a Grande Floresta crescerá e se espalhará mais uma vez, cobrindo a Inglaterra inteira. O dia em que Merlim se libertará de seu sono encantado e trará de novo sua mágica para o mundo. Então o rei Artur também acordará e voltará a governar, em toda a sua glória!

A rainha que estava sentada na proa se levantou e tirou o capuz que lhe escondia o rosto. Era Nimue, a Senhora do Lago.



À PROCURA DE ARTUR

O mistério envolve a legendária figura do rei Artur, cuja existência concreta ainda não se conseguiu provar, após anos e anos de pesquisa. Alguns historiadores o identificam como um grande guerreiro que viveu no século V e expulsou os invasores anglo-saxões do Sudoeste da Inglaterra. Na Grã-Bretanha e na França há vários lugares relacionados com Artur e sua lenda.

Referências históricas

Quando os romanos deixaram a Bretanha, no começo do século V, tribos anglo-saxãs invadiram a parte leste da ilha e avançaram para o Oeste. Gildas, um escritor do século VI, e Nennius, um monge do século IX, mencionam um comandante que deteve os invasores, vencendo doze batalhas. Gildas fala de um bretão romano, Ambrosius Aurelianus, que salvou os celtas da Bretanha. Nennius refere-se a um chefe militar chamado Artorius ("Artur" em latim).

Guerreiro celta

Herói e rei

Esse homem capaz de liderar a resistência contra os anglo-saxões logo inspirou muitas histórias e passou a ser lembrado como herói mítico e rei. Figuras essencialmente legendárias, apesar de suas raízes históricas, Artur e seus cavaleiros estão para sempre relacionados com coragem, lealdade e justiça.

Lago Bosherton

Reza a tradição que sir Bedivere jogou a Excalibur nesse lago coberto de lírios aquáticos. Outros lugares relacionados com o famoso episódio são as lagoas Dozmary e Loe, na Cornualha.

Ponte do Massacre

A batalha de Camlann, a última que Artur lutou, pode ter ocorrido na ponte que atravessa o rio Camel, perto da cidade de Camelford, na Cornualha. Uma lápide assinala o suposto túmulo do rei.

Guinevere e Artur nunca serão esquecidos

A corte real

É possível que o castelo de Artur se situasse em Cadbury, no condado de Dorset. Escavações mostram que a milenar fortaleza ali existente foi ocupada no século V, quando se ergueu uma ala fortemente protegida. No século XIV, associou-se com Camelot o castelo de Winchester, em Hampshire, que abrigava uma távola redonda inspirada na lenda de Artur e construída para o rei Eduardo III (1312-77).

A caverna da espera

Diz a lenda que Artur e seus homens estão escondidos em algum lugar da Inglaterra, aguardando o momento de seu glorioso retorno. Segundo uma versão esse lugar é uma caverna de Craig y Ddinas, no País de Gales.

INGLATERRA
(c. século V d.C.)

Os *anglo-saxões conquistaram grandes cidades do Leste, como Colchester, Londres e Canterbury.*

Artur deteve o avanço dos anglo-saxões no Oeste da Bretanha.

Colchester

Monte Badbury

Castelo de Liddington

Londres

Canterbury

Monte Solsbury

Glastonbury

Winchester

Cadbury

A abadia de Glastonbury

Construída no lugar onde, segundo a lenda, José de Arimateia estabeleceu a primeira igreja da Inglaterra, essa abadia atraiu as atenções de todo o país em 1191, quando os monges anunciaram que haviam encontrado o túmulo de Artur e Guinevere.

As ruínas da abadia de Glastonbury

A Batalha de Badon

Artur conquistou sua maior vitória sobre os anglo-saxões nesse combate, que, travado provavelmente por volta de 499, parece ter detido o avanço dos invasores para o Oeste. Desconhece-se o local exato da Batalha de Badon, mas alguns dos lugares sugeridos são os montes Badbury e Solsbury.

Monte Badbury, Oxfordshire

O Poço do Cálice

Uma lenda afirma que José de Arimateia escondeu o Santo Graal nesse poço, próximo ao monte Glastonbury.

O Santo Graal

FRANÇA

Monte St. Michel

Artur em combate

Monte St. Michel

Nessa bela cidade da Normandia, região Norte da França, Artur teria matado um gigante antropófago. Como o arcângelo Miguel, que emprestou seu nome à cidade, Artur veio a personificar a vitória do bem sobre o mal.

Avalon

Quando Artur tombou ferido, em seu último combate, as rainhas da noite o levaram para Avalon, ilha legendária identificada como o monte Glastonbury, no condado de Somerset. Na época esse monte era cercado de lagos e pântanos e se chamava Inis Avalon, ilha das maçãs.

Na história de Geoffrey, Artur combate os romanos.

A lenda de Artur

No século XII um monge galês chamado Geoffrey de Monmouth escreveu *Historia regum Britanniae* (*História dos reis da Bretanha*). Com base em algumas pistas que encontrou em manuscritos mais antigos, Geoffrey criou um herói que conquistou metade da Europa! Assim nasceu a lenda de Artur. Desde então as aventuras do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda têm sido contadas e recontadas, evocando a idade de ouro da cavalaria e inspirando com sua magia pintores, poetas, compositores e cineastas de todo o mundo.

Lancelote apaixonado

Ao reescrever as histórias de Artur, nos séculos XII e XIII, poetas franceses como Chrétien de Troyes acrescentaram a personagem de Lancelote. Como defensor da corte e amante da rainha Guinevere, ele adquiriu mais importância que Artur e conferiu ao mundo heroico de Camelot uma nova profundidade e um caráter trágico.

A morte de Artur (*quadro do pintor vitoriano James Archer*)

La mort d'Arthur

Sir Thomas Malory

A versão mais famosa da lenda de Artur foi escrita em meados do século XV por sir Thomas Malory (1408?-70), um aristocrata de velha cepa e caráter turbulento, que morreu na prisão. O mundo fantástico da cavalaria em fase de extinção é retratado em sua obra.

Henrique VII (1457-1509)

Inspiração real

A obra de Malory inspirou monarcas de toda a Europa. Henrique VII da Inglaterra se considerava Artur renascido, reunindo o país depois de uma guerra civil, e até deu a seu primogênito o nome do herói. Sua neta, Elizabeth I, dizia-se descendente de Artur.

Camelot, EUA

Governantes modernos também foram identificados com Artur. No início dos anos 1960 comparou-se o governo do presidente John F. Kennedy à Távola Redonda de Camelot. Para muitos sua gestão anunciava uma nova era de prosperidade.

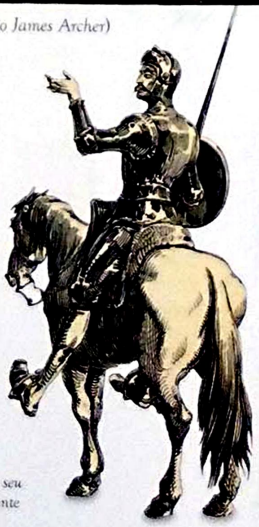
J. F. Kennedy (1917-63)

Amor e morte

A lenda de Artur alcançou o auge da popularidade no século XIX. O lado trágico da história exerceu particular atração sobre os artistas vitorianos — pintores como os pré-rafaelitas e poetas como Alfred Lord Tennyson —, levando-os a criar belas imagens de amor infeliz e morte gloriosa.

O cavaleiro doido

Em 1605 o escritor espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616) criou a figura imortal de Dom Quixote, um velho idealista que tenta emular as façanhas de cavaleiros como os da Távola Redonda e só consegue se meter em tragicômicas trapalhadas.



Dom Quixote e seu pangaré Rocinante

No teatro

As histórias arturianas empolgavam as plateias dos teatros e inspiraram ao compositor alemão Richard Wagner (1813-83) duas grandes óperas: *Tristão e Isolda* (1859) e *Parsifal* (1882).

A atriz Ellen Terry no papel da rainha Guinevere, em 1895

Os cavaleiros da Távola Redonda, filme com Robert Taylor (Lancelote) e Ava Gardner (Guinevere), reunia romance e aventura.

Paixão na tela

Hollywood celebrou de várias formas a lenda do rei Artur: *Os cavaleiros da Távola Redonda* (1953) foi um épico glamouroso, enquanto *Camelot* (1967) converteu a conturbada relação de Artur, Guinevere e Lancelote num rico musical.

Um sonhador (Bing Crosby) viaja no tempo e se torna Um ianque na corte do rei Artur.

No filme Primeiro Cavaleiro (1995) Sean Connery (Artur) e Richard Gere (Lancelote) disputaram o amor de Julia Ormond (Guinevere).

Fantasia e humor

Filmes como o musical *Um ianque na corte do rei Artur* (1949), baseado no romance homônimo de Mark Twain, e o desenho animado *A espada na pedra* (1963) têm como principais ingredientes fantasia e humor.

© Walt Disney

Artur empresta a espada a seu irmão Kay em A espada na pedra, desenho baseado no romance de T. H. White.

Agradecimentos

Créditos fotográficos

O editor deseja agradecer às seguintes instituições e pessoas a permissão de reproduzir suas fotos.

t = topo da página; p = pé da página; a = acima; c = no centro; e = à esquerda; d = à direita.

Ancient Art & Architecture Collection: 15td, 25pd; R Sheridan 44ce; *Bodleian Library:* MS Douce 215 f.14 40te; MS. Canon Lit 43 f.116 33cd; *Bridgeman Art Library:* 27tc; Bibliothèque Nationale, Paris 24pe, 26td, 27pe; Birmingham City Museums & Art Gallery 17te, 26pe, 43td; British Library, Londres 15cd, 62te; Fitzwilliam Museum, University of Cambridge 39td; Lady Lever Art Gallery, Port Sunlight 16te; Manchester City Art Galleries 62cd; Musée Condé, Chantilly 38te, 45td; Phillips, The International Fine Art Auctioneers 62ce (acima); The Fine Art Society, Londres 33pd; Walker Art Gallery, Liverpool 36te; *British Library:* 42te; *Camera Press:* 62pc; CM *Dixon:* 47cd; *English Heritage Photographic Library:* 12te, 29pd; *ET Archive:* Bibliothèque Nationale, Paris 26c; Tate Gallery 21pd; *Mary Evans Picture Library:* 12ce, 27pd, 36pe, 38pe, 48te, 50ce (embaixo), 50te, 55td, 56pe; Arthur Rackham Collection 31pd; *Fortean Picture Library:* 16ce; Allen Kennedy 11pd; Janet & Colin Bord 17c, 54te, 60ce (embaixo), 60pc, 61td, 61pd; *Germanisches National Museum Nürnberg:* 60tc; *Ronald Grant Archive:* 17pc, 27ce, 34te; Columbia Pictures 63pe; MGM 63td; Orion Pictures, 1980 22ce; Walt Disney 63pd; Warner Bros 63cd (acima); *Hever Castle Ltd:* 19td; Images Colour Library: 7, 8ce, 16c, 22pe, 60c; *Katz Pictures:* Mansell Collection 26te; *King Arthur's Great Halls, Tintagel:* 40pe; *Kobal Collection:* 1995 Columbia 18tl; Paramount, 1948 63 cd (embaixo); Warner Bros. 51cd; *Mander & Mitchenson:* 26pd, 63te; Museum of London: 11trd, 27te; *Museu Nacional de Copenhague:* 44te; *National Gallery, Londres:* 24te; *National Portrait Gallery, Londres:* 62ce (embaixo); *National Trust Photographic Library:* David Noton 61cd; *Oxford Scientific Films:* G. Bernard 17tc (acima), 53td; Warren Faidley 17td; *Photo RMN:* Hervé Lewandowski 60cd (acima); *Pictor International:* 61pc; *Somerset County Museums Service:* 39cd; Tony Stone Images: 49td; *Tate Gallery Publications:* Waterhouse, John William, *A dama de Shalott* (1888) 35td.

Capas:

Ancient Art & Architecture: 1ª capa ce (acima); R. Sheridan 1ª capa td; ET Archive: Bibliothèque Nationale, Paris 4ª capa cd (acima); *Fortean Picture Library:* 4ª capa cd; *Museu Nacional de Copenhague:* 1ª capa te; *Museum of London:* 1ª capa td (inserção); *National Gallery, Londres:* 4ª capa pd.

Fotos adicionais: Lisa Lanzarini 17pd; Grock Lockhart/ Rebecca Smith 21td.

Mapas e ilustrações adicionais: Sallie Alane Reason

A Dorling Kindersley agradece particularmente a:

Tudor Humphries pela pesquisa de arte
Fergus Day pela pesquisa editorial
Lyn Bresler pela revisão das provas.
Modelos das ilustrações: Lizzy Bacon, John Brock, Mariel Chapman, Simm Peters, Lydia Walton, Theo Humphries.
Modelo das fotos: Susan Hoffmeister-Byrne

O Rei Artur

Camelot, a corte dourada. A paz e a harmonia imperam no reino de Artur, suscitando a inveja e a cobiça da maligna Fada Morgana e do pérfido cavaleiro Mordred. Eles se unem num plano diabólico para destruir Artur e a Távola Redonda. Conseguem aniquilar Camelot, mas não o rei e seus cavaleiros, que estão escondidos, em algum lugar da Inglaterra, aguardando o momento de seu glorioso retorno.

ISBN 978-85-7406-578-6